



Biblioteca Breve

SÉRIE LITERATURA

JOÃO DE ARAÚJO CORREIA
— UM CLÁSSICO CONTEMPORÂNEO

COMISSÃO CONSULTIVA

JOSÉ V. DE PINA MARTINS
Prof. da Universidade de Lisboa

JOÃO DE FREITAS BRANCO
Historiador e crítico musical

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA
Prof. da Universidade Nova de Lisboa

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL
Escritor e Cientista

HUMBERTO BAQUERO MORENO
Prof. da Universidade do Porto

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA
Doutor em Filologia Clássica pela Univ. de Lisboa

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO

ÁLVARO SALEMA

JOÃO BIGOTTE CHORÃO

João de Araújo Correia
— um clássico contemporâneo



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CULTURA

Título

**João de Araújo Correia
— um clássico contemporâneo**

Biblioteca Breve / Volume 107

1.ª edição — 1986

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Ministério da Educação

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*
Divisão de Publicações
Praça do Príncipe Real, 14-1.º, 1200 Lisboa
Direitos de tradução, reprodução e adaptação,
reservados para todos os países

Tiragem

5000 exemplares

Coordenação geral

Beja Madeira

Orientação gráfica

Luís Correia

Distribuição comercial

Livraria Bertrand, SARL
Apartado 37, Amadora — Portugal

Composição e impressão

Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio
de Veiga & Antunes, Lda.
Trav. da Oliveira à Estrela, 10.

Outubro 1986

ÍNDICE

I / CONVITE À LEITURA.....	6
II / O ESCRITOR NO SEU HABITAT	9
III / UM INSTANTE DE VIDA.....	16
IV / POESIA E PROSA DO QUOTIDIANO.....	31
V / DOENÇAS DA LÍNGUA	46
VI / UMA CONVERSA POR ESCRITO	52
VII / PALAVRAS QUE O VENTO NÃO LEVOU.....	61
VIII / NOTÍCIA BIOGRÁFICA	70
O ESCRITOR ATRAVÉS DOS TEXTOS.....	100
BIBLIOGRAFIA	116

I / CONVITE À LEITURA

Escrever é cortar palavras.
Carlos Drummond de Andrade

Longe dos meios literários e nas poucas horas feriadadas da sua profissão de médico, João de Araújo Correia conseguiu realizar uma vasta e alta obra de contista e de cronista, toda ela escrita nesse estilo leve e límpido que faz do autor um dos primeiros prosadores portugueses.

O presente livro não pretende ser uma exegese da obra de João de Araújo Correia, tão transparente que dispensa qualquer explicação. Ele mesmo o disse: “A minha vida é clara e escrevo claro.” Não precisa de turvar as águas para lhes dar aparência de profundas. Assim, mais que uma exegese, propõe-se este livro ser como um convite à leitura de um clássico que só não é discutido porque é indiscutível — um clássico de quem se apresentam páginas exemplares em que o leitor pode reconhecer no homem do Douro o homem universal e reaprender o genuíno sabor da língua portuguesa.

Não sendo João de Araújo Correia um desses autores que fazem a delícia dos intelectuais — que sondam, muitas vezes, falsos abismos para se darem ares de inteligências peregrinas —, e dirigindo-se ao homem

comum, a sua obra reclama porém paladar apurado, sem o qual, desprovida de retórica, parecerá dissaborida. Obra de um poeta que se exprime em prosa, não buscou nunca o êxito comercial nem o aplauso fácil de massas envilecidas de ideologia, sexo e violência.

Será atrevimento, mas cristão atrevimento, este de escrever sobre um contemporâneo, que conhecemos pessoalmente e de que fomos testemunhando, por assim dizer, o nascimento da obra. Mais avisados parecem aqueles que, para abordarem um autor, põem como condição prévia que ele esteja morto e bem enterrado. O tempo tudo corrige — glórias forjadas e esquecimentos injustos. Os séculos recordam os que escrevem para a eternidade e sepultam os que escrevem para o seu tempo — produtos dele mais do que sua consciência.

É cómodo, muito cómodo, discorrer de escritores consagrados pelo tempo — Camões, Vieira, Garrett, Camilo, Eça —, esses que ninguém já consegue riscar da história literária e que só desaparecerão se desaparecer o nosso idioma ou o nosso planeta. Mas, se escrever é um risco, aceitemos o risco de falar de um autor contemporâneo. Antes o risco que a necrofilia, essa vocação de alguns para desenterrar cadáveres, como se no convívio dos mortos, e só nele, se sentissem vivos.

Ao abordar um autor contemporâneo, arriscamo-nos a que, faltando-nos a perspectiva, não saibamos como situá-lo ou pequemos por excesso, turvada a objectividade pela simpatia ou a proximidade. A idade de João de Araújo Correia e a sua obra conjugam-se, porém, para que o consideremos já um clássico. Nenhuma dúvida quanto ao lugar que lhe cabe na nossa

literatura, no domínio do conto, da crónica e no domínio mais lato da prosa portuguesa.

Ao percorrer estas páginas, o leitor verificará que a admiração não sacrificou nos altares da retórica e da hagiografia. A retórica é imprópria de um homem como João de Araújo Correia, que tem pânico das palavras sonoras, que fazem cócegas nas orelhas e não penetram no espírito. E, quanto à hagiografia, reservemo-la aos santos, e só aos canonizados, já que a literatura, sendo uma das vaidades da vida, é terreno pouco propício à santidade.

Quis o autor deste livro que ele fosse muito simples e muito claro, como convém a um escritor que tem por nome João de Araújo Correia. Não se recomenda, pois, aos leitores assaz eruditos, gulosos sobretudo de notas em rodapé e de bibliografia. Não se recomenda também aos que, na literatura, sofrem do prurido da novidade. João de Araújo Correia não é um inovador nem nos temas nem na linguagem: é o continuador de uma tradição que tem os seus modelos, os seus mestres ou antepassados em Manuel Bernardes, em Gonçalo Fernandes Trancoso, em Camilo Castelo Branco, em Trindade Coelho. Antes o honrado representante de uma tradição confirmada pelo tempo que o moderno que não é senão moda ou falsa imitação do verdadeiro vanguardismo.

Se este livro conseguir despertar o leitor para a obra de João de Araújo Correia, terá realizado o seu objectivo. E se, ao descobrir um escritor, tiver a grata surpresa de encontrar um homem, não podemos senão felicitá-lo e felicitar-nos por isso.

Abril de 1985.

II / O ESCRITOR NO SEU HABITAT

João de Araújo Correia é um escritor situado. A gente não o concebe senão de raízes mergulhadas naquela terra do Alto Douro, a que ele, em homenagem ao vinho fino que notabiliza a região, chama o “país vinhateiro”. É uma região áspera de montes que se erguem abruptamente sobre o rio, como se a todo o momento fossem despenhar-se nele por efeito de uma convulsão telúrica. É uma região castigada pelo frio e pelo calor, porque, como terra de extremos, só conhece duas estações: o Inverno, que se eterniza, e o Verão, que são três meses de Inferno.

Aqui se situa o mundo do escritor, mundo austero e primitivo, povoado de fragas, de árvores, de pasmo, de susto, de gente fustigada pelo clima e pela miséria. Entre o nascer e o morrer há todo o rosário do sofrimento que o escritor desfia depois, e só depois, de o médico ter passado as contas. Médico de profissão e escritor por vocação, em João de Araújo Correia o escritor é inseparável do médico. Médico que exerce fora dos grandes centros, conheceu a esqualida miséria dos homens nivelados com os brutos, percorreu os caminhos ásperos e sofreu os climas rigorosos. Sem o conforto nem os meios das grandes cidades, o médico

rural tem de contar apenas consigo, com as suas mãos, o seu ouvido, digamos até com o seu faro, a sua experiência e a sua solicitude.

Em época de excessiva especialização, a medicina já não vê o homem, mas a víscera do homem. Se a medicina altamente especializada deixou de o considerar no seu todo, não o considera também a medicina socializada. Aqui o doente não é só uma víscera — é um número. Sem nome e sem rosto, o homem perdeu a individualidade, número anónimo do universo concentracionário. Pode gemer para ali à vontade, que a indiferença burocrática bem se importa com isso. Não conhece o paciente de parte nenhuma, não sabe quem é o pai nem o avô. Um número não tem antecedentes e não se lhe conhecem antepassados. Um número é um número, impessoalmente inscrito numa ficha. O que falta na medicina friamente especializada e na medicina cegamente socializada é a dimensão humana. Pois não é verdade que não há doenças, mas doentes? Mais que um caso clínico, porventura cientificamente “interessante”, o doente é uma pessoa que sofre. Sabemos de doenças que não têm uma causa orgânica, mas uma causa anímica. E quantos não morrem por desistirem de viver!

Para o escritor que vamos visitar a medicina constitui ainda um acto de serviço. É médico de uma estirpe em vias de extinção. Sendo a vocação anterior à profissão, não se poderá dizer que foi o médico que fez o escritor. Médico ou não, o escritor havia de se afirmar a despeito da profissão. Mas o exercício da medicina forneceu vasta matéria-prima ao escritor, deu-lhe temas, informou a sua filosofia de vida. Existe, na literatura portuguesa, uma tradição de escritores médicos: alguns não exerceram a profissão ou só acidentalmente a terão

exercitado, de Júlio Dinis a Fialho de Almeida, de Marcelino Mesquita a Campos Monteiro e Júlio Dantas. Outros, no entanto, a têm exercido larga e longamente: basta citar, por todos, Miguel Torga e João de Araújo Correia.

Um e outro explicaram, a seu modo, essa aliança entre a medicina e a literatura: Torga numa página do *Diário* e João de Araújo Correia, mais desenvolvidamente, na conferência a que deu o título *Depoimento de João Semana sobre a Vida Clínica de Aldeia*. Nascidos com o carisma de escritores, ao saírem médicos debruçaram-se sobre corpos e auscultaram almas. As confidências que ouviram, transmitiram-nas ao papel. Poucas profissões, como a do médico, permitem testemunhar dores, agonias, mortes. Aprenderam mais da vida que dos livros, de modo que o saber é, também para eles, feito de experiência. Os livros só vieram corroborar a vida. Daí que esses autores nos dêem uma sensação de literatura pouco livresca, de literatura viva, nascida do contacto de realidades carnis — e por isso com um forte sabor agreste, como tudo o que é primitivo e genuíno. Parecem pouco intelectuais esses autores porquanto não interpõem um muro de livros entre o que vêem e o que escrevem. Observam com os seus olhos, palpam com as suas mãos, sentem nos próprios pés a dureza dos caminhos. A nudez da palavra nasce da mesma exigência de autenticidade, da mesma repugnância do artifício. E o vocábulo castiço e a expressão popular atestam a legitimidade do metal, a sua íntima ligação à terra.

Quem viu o suor da agonia e o livor da morte não precisa de grande retórica para exprimir ou sugerir a nossa condição agónica e mortal. Se a essência da

filosofia é aprendizagem da morte, esses autores exprimem o seu pensamento numa linguagem essencial: a que se condensa num grito de abandono, num gesto de desespero, num silêncio ativo. Por isso, no mais simples e no mais sábio dos livros — o Novo Testamento — é também num gesto, num grito ou num silêncio que se traduz o clímax de uma cena ou situação. A humana queixa de Cristo pelo silêncio do Pai, a mudez do mesmo Cristo diante da curiosidade sofisticada de Pilatos quanto à verdade, a figueira em que baloiça o desespero de Judas são altas expressões de uma eloquência mais persuasiva porque feita de poucas ou nenhuma palavras.

A casa do escritor (e surpreender um escritor no seu habitat, vê-lo na moldura do seu gabinete de trabalho, não raro constitui o melhor prelúdio ao conhecimento da sua obra) ergue-se no alto de uma rua declivosa. É uma casa com uma dimensão ainda humana — nem a vivenda sumptuosa, que dir-se-ia estar ali, não ao serviço do homem, mas o homem ao serviço dela, nem o apartamento sem espaço e comodidade, que parece antecipar o sinistro gavetão do cemitério. A casa é o espelho de uma civilização: no seu *visibile parlare*, exprime a nossa concepção de homem. Ou reconhecemos ao homem o direito à individualidade e à privacidade, ou o tomamos como unidade de um rebanho, condenado a comprimir-se e aviltar-se na promiscuidade. Uma casa demasiado espaçosa não existe para o homem, perdido em salões e corredores que lhe dão uma sensação de vertigem parecida à da agorafobia. Não está, essa casa, ao serviço de quem nela habita, mas ergue-se ali como um monumento retórico, para ostentar aos olhos do transeunte a riqueza do

proprietário. Mas a casa pequena demais oprime o homem, não preserva a sua intimidade, não lhe consente isolamento e recato para os actos essenciais da vida — o amor e a morte —, actos que requerem aliás, como lembra Gustavo Corção, pouco espaço.

A casa de João de Araújo Correia é uma casa à medida do homem. Cabe nela, sem necessidade de atropelos, uma família. E oferece recantos propícios ao reencontro de cada um consigo próprio. Fica no primeiro andar o gabinete de trabalho do escritor. O lugar que numa casa ocupam os livros e o modo como se conservam elucidam-nos sobre quem ali vive. A livraria de João de Araújo Correia impressiona mais pela qualidade do que pela quantidade. Os livros não se acumulam ali como num armazém, que recebe tudo — o bom e o mau. Descobre-se nessa livraria um critério pessoal, uma necessidade de selecção, que é sempre um sintoma de exigência e bom gosto. Os grandes leitores não são os que lêem tudo — são os que preferem reler. Algum pão satisfaz a sua fome e algum vinho a sua sede. Mas há-de ser de boa farinha o pão, e bem cozido. E o vinho, de preferência velho, há-de saborear-se em pequenos goles.

João de Araújo Correia não é homem de um só livro nem homem de todos os livros. Ele o disse de um modo quase pitoresco: “Sou inimigo de muita bibliografia, quase inimigo de muita leitura. Prefiro a uma biblioteca uma estante; a uma estante, uma prateleira; a uma prateleira, a minha mão esquerda, sobre a qual poise, na devida altura, o livro que me nutra sem me empanturrar. Manda a higiene ficar com apetite, no fim das refeições, para melhor digerir.” Tem o escritor os seus autores preferidos, como leitor de bom

paladar, autores que relê, mestres que são amigos silenciosos. Ele próprio os nomeia: Camilo, Júlio Dinis, Eça de Queirós, Trindade Coelho. São escritores que têm (salvo Júlio Dinis) um estilo. E são escritores que confessam os valores nacionais que na província ou no campo ainda se preservam.

João de Araújo Correia bebeu na mesma fonte em que bebeu Camilo; mas, se do ponto de vista linguístico a raiz é comum, são diferentes pelo temperamento: a truculência camiliana não quadra ao discreto escritor da Régua. A “pena leve” de Júlio Dinis está mais próxima da sua sensibilidade, mas falta ao autor d’*Uma Família Inglesa* aquele apuro estilístico que, com tão inexcedível e abundante graça, se derrama sobre a prosa de Eça de Queirós. Em Trindade Coelho, cativa-o a singeleza e também o idealismo que acaba por lacerar-se nas arestas mais ásperas da vida.

Gosta João de Araújo Correia de reler os clássicos portugueses para refrescar a língua que aprendeu do povo. E relê Camões para colher dele a perene lição sobre o desconcerto do Mundo. Os clássicos franceses, esses ensinam-lhe o senso da medida, que é o grande segredo da arte clássica. Pela disciplina clássica que refreia uma sensibilidade romântica, lembra João de Araújo Correia o nosso vizinho Azorín, que escreveu em jeito de confissão: “Tentei que fossem claras [estas páginas], simples e, sobretudo, que em vez de darem toda a medida de uma vontade livre, desenfreada, que a si própria se desconhece, *romântica*, mostrassem uma força contida, reprimida, *clássica*.”

Na literatura espanhola, tem João de Araújo Correia em alta estima o *D. Quixote*. Em Cervantes, encontra-se toda a Humanidade, ou melhor, o homem todo. D.

Quixote e Sancho Pança não são dois homens distintos, mas faces opostas do mesmo homem — a face idealista e a face prosaica, o sonho e a realidade, o coração e o estômago, a insensatez e o bom senso. Em Shakespeare — outro autor que João de Araújo Correia nomeia entre os seus autores —, deve admirar, ele tão discreto, a pintura excessiva das paixões humanas, a lucidez que parece loucura, a grandeza do homem miserável.

No escritório do autor de *Sem Método*, as estantes estão guarnecidas de livros na sua maioria encadernados. As encadernações não são de luxo e significam decerto o respeito de João de Araújo Correia pelo livro. Assim resguardado, o livro poderá durar mais tempo — esse livro cuja função não é enfeitar as prateleiras, mas a todo o momento sair delas para tempestiva consulta ou gostosa releitura.

Do dono da casa, homem sobre o forte, da expressão a um tempo serena e grave, dimana uma forte sensação de estabilidade e segurança, semelhante à de uma árvore que permanece num mundo em mudança. Ali no seu escritório, vemo-lo como símbolo do escritor que, longe dos meios literários e universitários, e portanto sem estímulo nem título, construiu tão-só à força de pulso o edifício da sua obra.

III / UM INSTANTE DE VIDA

Interrogado sobre o romance que nunca escreveu, João de Araújo Correia tem dado sempre a mesma resposta: escritor de “horas mortas” — que são aquelas “horas paradas em que o galo canta e a raposa se atreve com as capoeiras” —, não dispôs do vagar necessário a tão grande cometimento. Como escritor, teve de roubar ao sono o tempo preciso para dar o seu breve recado. O romance, esse exige um projecto bem delineado, fundamentos sólidos, materiais muito diversos: é um grande edifício, habitado por gente heterogénea. O romancista tem de se meter na pele das personagens, adivinhar as suas reacções, tornar verosímil o seu comportamento. História que (em princípio) se estende no espaço e no tempo, o romance é uma arte de extensão e concentração, de análise e síntese. É todo um mundo que tem de ser reconstituído, e reclama a paciência e a precisão do arquitecto — e um universo fantástico a que o romancista desce, de algum modo, como o mergulhador às profundezas marítimas. Seja a vida de um homem, a vida de uma família ou a vida de uma época, o romance requer amplitude e profundidade de campo. Participa ao mesmo tempo da natureza do fresco e da pintura de género, pela sua função

decorativa e intenção alegórica e pelo seu carácter documental ou intimista. O retrato individual e o ambiente colectivo, o circunstancial e o permanente, a terra e o céu dão-se aí as mãos, nessa comédia que é a vida, mais humana — demasiado humana! — que divina. Exige-se do romancista finura de psicólogo e informação de sociólogo, intuição de poeta e preparação de historiador, objectividade de fotógrafo e subjectividade de pintor. O romancista reproduz o mundo, recriando-o: faz dele o *seu* mundo.

Embora nascido no século anterior, o romance é o grande contributo do século XIX para a literatura. Epopeia da burguesia, o romance traz para um palco reservado até então à aristocracia a nova classe social, de que pinta não só as virtudes — o trabalho, a persistência, a poupança, a prudência —, mas de que descreve também os vícios, que são os eternos vícios da condição humana: a ambição, a avareza, a inveja, a vingança, a sensualidade. Epopeica é *Guerra e Paz*, que se desenrola por três lustros, e combina história viva e vida imaginária, e pinta com igual realismo campos de batalha e salões mundanos, e revela tanta perícia na análise dos sentimentos individuais como na descrição dos movimentos colectivos. Se Tolstoi prefere um quadro vasto e preciso, Dostoievski desce aos abismos, fascinado pelos demónios que lá habitam e ele procura esconjurar, porque esses demónios os descobre dentro de si próprio.

Tolstoi, Balzac, Flaubert, Dickens, Machado de Assis, eles aí estão, os grandes romancistas do século XIX, a dar ao romance uma dimensão que nunca mais teve: grande e nítido como um fresco, com as figuras bem distribuídas na superfície e os planos perfeitamente

delimitados, a paisagem e os elementos decorativos enquadrando o homem, que ganha assim maior relevo.

E Camilo? E Eça? — perguntará o leitor. Camilo é mais novelista que romancista; a personagem que principalmente nos seduz nos livros é ele próprio, e relevo-lo sempre pelo prazer de uma prosa de bom cunho. Eça (com a notável exceção d'*Os Maias* e d'*A Ilustre Casa de Ramires*), esse ainda é maior como crítico do que como criador de personagens — é um grande caricaturista que deforma tudo e vê as suas personagens voltarem-se contra ele, porque as violentou na sua verdade e na sua densidade humanas. E, então, o que vale ao admirável Eça é o seu prestígio de estilista. Prestígio que falece a Júlio Dinis, romancista muito mais dotado (como se vê n'*Uma Família Inglesa*, esse painel tão acabado de uma cidade, de uma sociedade, de uma época), mas que uma vida breve e alguns preconceitos (por exemplo, o do casamento como panaceia) não deixaram realizar tudo o que prometia.

Com o declínio da burguesia, entrou em declínio o romance. O grande público veio a encontrar no romance policial um fácil sub-rogatório do velho romance de aventuras, enquanto leitores mais exigentes, cansados de histórias verosímeis, buscaram na ficção científica um prolongamento da literatura de antecipação de Wells e de Huxley, em que a utopia anuncia a realidade. A “rebelião das massas” exprimiu-se na literatura neo-realista, em que a ficção é muitas vezes documento, quando não panfleto. A arte, como representação, imitação ou transfiguração da realidade, nunca pode ser cópia dela. O autor de ficção não é um repórter que relata “objectivamente” o que vê, com a “neutralidade” da máquina fotográfica ou da máquina

de filmar. Talvez por essa pretendida “objectividade” é que o neo-realismo encontrou a sua linguagem mais no cinema do que na literatura.

Por outro lado, as experiências renovadoras de Proust e de Joyce colocam o romance já fora da tradição oitocentista, ao substituírem o fluir da narrativa pela análise minuciosa, exaustiva, quase clínica, da corrente da consciência, de sentimentos e ressentimentos, das sensações mais recônditas aos mais inconfessáveis desejos. Aí a vida como que se faz memória — ou a vida é mais imaginada que vivida. Apesar da sua extensão, quer *Em Busca do Tempo Perdido*, quer *Ulisses*, são longos romances não tanto pela matéria romanesca como pela técnica narrativa. A narração não se desenvolve, mas enrola-se sobre si mesma, como um novelo ou uma espiral, em curvas cada vez mais apertadas e em linhas cada vez mais tensas. A vida já não corre ali como a água de um rio: é água estagnada, que exala um não sabemos quê de insalubre.

Romances como *Doutor Jivago*, *O Leopardo*, *Au Plaisir de Dieu*, se conquistaram larga audiência, foi porque continuaram a honesta tradição oitocentista. A vida de um homem na vida do seu tempo, a história de uma família e de uma casa, as gerações que passam e os costumes que evoluem, a sensação de que realidade e ficção se equivalem, eis o que o leitor admira nesses romances de sólida arquitectura, onde as personagens são ainda pessoas, a existência dura mais que um dia e o mundo tem outros horizontes para além de um cérebro que se disseca com mórbida complacência. O menor favor de que goza hoje o romance não deve, pois, atribuir-se à mudança do gosto, à concorrência do cinema ou da televisão, à falta de tempo, às formas

degradadas da ficção, mas aos autores que já não sabem contar uma história e complicam de tal modo a narrativa, que o leitor defraudado acaba por demandar outras paragens.

Nós jamais perguntaríamos a João de Araújo Correia por que não escreveu um romance. Na obra de um escritor, não nos interessa o que ele não escreveu, mas o que publicou. Ora, o que João de Araújo Correia fez no domínio da ficção dispensa-o de prestar outras provas. No terreno da novela, ainda ele ensaiou alguns passos, que deixaram a sua marca em *Casa Paterna* e em “O Fio de Platina”, esta incluída em *Rio Morto*. Mas, depois dessas rápidas incursões, voltava logo aos seus domínios — o conto —, em que é dono e senhor.

De todos os géneros literários, o conto é o mais próximo da poesia. O que ele procura captar não é a vida, mas um instante de vida. O conto sugere mais do que descreve e lembra a arte impressionista na sua tentativa de reproduzir, interpretando-os livremente, em pequenos toques subtis, uma luz, um reflexo, uma tonalidade, uma atmosfera. Essa luz brilha apenas um instante, esse reflexo é fugaz, essa tonalidade varia, essa atmosfera modifica-se. Como o poeta, o contista corre ao essencial, procurando fixar um momento, extraordinariamente intenso, de vida.

Os contos de João de Araújo Correia distinguem-se pela sua extrema brevidade, como se muitas palavras fossem véus a esconder a nudez da vida. No conto, tem ele um antepassado: Trindade Coelho. Como António Nobre, Trindade Coelho é também, de certo modo, *auctor unius libri*. Ao seu nome, associa-se imediatamente um título — *Os Meus Amores* —, um livro tão singular, que será irrepetível na literatura portuguesa. Como o *Só*.

Um clima de melancolia (não chamou o autor, aos seus contos, “saudades”?) e uma certa bonomia risonha não chegam para ocultar a nudez do realismo de Trindade Coelho. Se parecem assim leves, e delicados, e cordiais, os seus contos, isso deve-se mais à lhaneza de uma arte coloquial do que a uma visão idílica da vida: do mundo de Trindade Coelho não está ausente o drama nem a tragédia. Na harmonia de todo aquele cântico franciscano que reúne na mesma fraternidade homens, animais e Natureza, irrompem como notas dissonantes a vingança, a sensualidade, o crime.

O mesmo se poderá dizer de João de Araújo Correia, herdeiro de Trindade Coelho pelo cunho rural e popular dos seus contos, pela oralidade e singeleza da sua arte de narrar, pela empatia que se estabelece entre o autor e as suas criaturas. Herdeiro de Trindade Coelho, João de Araújo Correia é talvez mais pessimista que o seu antecessor. O pessimismo, quando temperado, não é senão uma forma de realismo e poderá evitar as grandes decepções que desembocam no desespero. É o próprio João de Araújo Correia quem estabelece o que o liga e o separa do mestre d’Os *Meus Amores*, ao escrever: “Há quem me compare, por excesso de gentileza, com Trindade Coelho. O que há de comum entre mim e ele, sobre alguma estética, é a sinceridade e a independência. Mas, difere a maneira como encaramos o mundo. O sublime escritor trasmontano, à hora da morte, perdeu a crença no bem. O reduzido escritor duriense e congenialmente desconfiado.”

Essa confessada suspicácia no homem encontra-se logo no livro com que João de Araújo Correia se estreia no campo da ficção: *Contos Bárbaros*. É a primeira — e cremos que também a melhor — colectânea de contos

de um autor que tantas, e de bela fábrica, nos daria depois. O aparecimento de João de Araújo Correia na cena literária dera-se um ano antes, com a publicação de *Sem Método*, “nótulas sertanejas”, como o autor modestamente chama à matéria compósita desse livro — contarellos, crónicas, fragmentos de poesia em prosa. Do primeiro livro de João de Araújo Correia, não estamos longe de pensar também que é o seu melhor livro — aquele em que já está o autor todo: o ficcionista, o cronista, o memorialista, o poeta que se exprime em prosa — uma prosa tão grácil e tão leve, como se as palavras mal poisassem no papel. Tendo começado a escrever cedo, tarde — sobre os quarenta anos — chegou João de Araújo Correia ao livro. E por isso, quando se estreia em volume, não é um autor que se procura — é já um autor que se encontrara. Houve como que um silencioso trabalho de preparação para essa maturidade que *Sem Método* anuncia.

Poeta em verso em verdes anos — quando as precoces melancolias são mais pressentidas que experimentadas —, João de Araújo Correia trocou, na idade madura e sem deixar no entanto de ser poeta — sendo-o até de modo mais alto e mais perfeito —, a poesia pela prosa. A poesia em verso, sua primeira expressão literária, reservou-a ele depois para alguma celebração circunstancial e para os afectos domésticos. *Lira Familiar* se chama, com apropriado título, a tardia recolha poética do autor. Ao amor da família, da casa e da Natureza, vem juntar-se outro amor — o da Língua Portuguesa. A língua tem a sua gramática e o pensamento a sua lógica, e assim João de Araújo Correia não acredita nas peregrinas virtudes de uma escrita automática em que as palavras se associam

arbitrariamente, desligadas de umnexo racional. O solitário encanto de uma palavra pode comprometer-se irremediavelmente se a casamos, sem o seu consentimento, com outra que a não merece, a não completa, a não prolonga. Como a água e o azeite, jamais se fundem, à imagem e semelhança de um matrimónio não consumado ou de um encontro sem comunhão, infecundo por incurável incompatibilidade.

A melhor poesia de João de Araújo Correia surpreende-se na sua prosa. Leia-se este fragmento de *Sem Método*: “A mulher desconhecida que atravessa a rua; a que, em viagem nocturna, faz da peliça couraça e das pálpebras escudos; a dama pintada como catálogo de luxúrias, com a qual dormiríamos, sem temor de remorsos, no leito sujo de uma pousada; em suma, a mulher que passa é um enigma efémero. Inquieta-nos apenas um segundo, o tempo necessário a uma ave para cruzar o céu do poço em que vivemos. Mas a mulher que nos escreve sem sabermos donde, Eva que dissimula a letra, sabe latim e faz perguntas a que mal poderiam responder poemas murmurados no recanto dum salão antigo, essa mulher não é um mero ponto de interrogação. É uma esfinge que deliciosamente nos mata, dando-nos em vez de sol, luar, em vez de sono, o sonho. Esfinge simpática e temível, enquanto, dilatada e velada, nos parece sombra do coração feminino.”

Admire-se também esta imagem impressionista, ainda da beleza feminina, que nos seduz em *Contos Bárbaros*: “A rapariga começou a chorar. Como se chovesse em terreno seco, assim as lágrimas caíram nos olhos calcinados da frágil criatura. O doutor ficou deslumbrado... Nunca tinha visto chorar uma mulher. Ficou surpreendido com o fulgor dos olhos verdes da

moça quando os viu mergulhados na enchente de lágrimas. Talvez lhe passasse pela mente ilustrada uma visão do mar com algas alagadas. Plantou-se diante da moça extasiado. Aquilo não era uma mulher, senão a própria beleza que chorava.”

Para terminar, só mais esta amostra, extraída igualmente de *Contos Bárbaros*: “Os olhos, muito azuis, debruados de vermelho, lembravam miosótis estáticos em duas poças de sangue.”

É a vocação poética de João de Araújo Correia e o seu sentimento de piedade pela condição humana que suavizam o áspero mundo do contista. *Contos Bárbaros*, sobre ser um título, é um universo. Bárbaro é o mundo, não pelo seu perfil rural ou rústico, mas porque a vida, ainda a da cidade e a dos salões, põe sempre a sua máscara feroz. Bárbaro é o montesinho, de letras gordas e mau vinho, e não menos bárbaro o cidadão que só não cheira a raposinhos porque se asperge de água-de-colónia. E falta ao cidadão essa virgindade espiritual que ainda faz estimável o rústico. As letras que aprendeu não abriram, ao semialfabeto, as portas da cultura e fecharam-lhe para sempre as portas da sabedoria, guardadas por invisíveis querubins de espadas de fogo. A sabedoria não se aprende nos livros porque vem da ligação primordial à terra. Desligado da raiz, o cidadão jamais chega a dar flor e fruto. Não é povo pela seiva, nem pelo espírito aristocrata — é uma espécie de doutor da mula ruça ou de bacharel mal envernizado. Fala de papo porque leu no jornal ou viu na televisão, sobre que jura religiosamente, tomando-os por Escrituras. Repete, como próprio e original, o que viu e ouviu. Bebe habitualmente por copo que não é seu, mastiga alimentos já mastigados e reproduz, em geral

deturpando, a opinião ou o estribilho alheio. Tem a vocação do psitacismo. E, adequadamente estimulado, reage como o cão de Pavlov. Representa o lugar-comum, a opinião pública, a massa homogénea.

Não será o microcosmo de João de Araújo Correia, afinal, um macrocosmo? O homem do Douro é o homem universal — o homem que odeia e ama, que se vinga e perdoa, que sofre e faz sofrer. Todos os pecados estão ali representados — a ira, a inveja, a avareza, a soberba, a gula, a luxúria, a preguiça — e toda as virtudes — a prudência, a justiça, a fortaleza, a temperança.

Quem quiser conhecer o homem, não vá mais longe: pegue nos *Contos Bárbaros* e leia, uma a uma, as histórias de João de Araújo Correia. Ali verá a velha que sobrevive a si mesma, e volta pontualmente à feira que já não existe, e morre como vivera: numa esquálida solidão de bicho. Ali verá o avô que, cioso do que amorosamente guardara para o neto, o mata, tomando-o, no escuro da noite, por ladrão. Ali verá o viúvo assisado que, depois de criar os filhos, perde a cabeça por uma rapariga. Ali verá a fidalga, modelo de formosura e de bom senso, que vem a casar com o mais desinfeliz dos seus criados. Ali verá o lavrador honrado que, perseguido pelo infortúnio e pelos credores, escolhe com sinistra serenidade a sua própria morte. Ali verá o doutor malcasado que descobre a graça feminina numa camponesa e paga com a morte um irreprimível gesto de ternura. Ali verá, em certo Natal, um Menino Jesus de carne e osso oferecido ao devoto beijo dos fiéis — um recém-nascido abandonado nessa noite sagrada à porta da igreja e logo perfilhado, depois da prática do padre. Ali verá a Rosa desfolhada e murcha, que readquire porém novo viço e novo perfume depois de

tratada carinhosamente pelo jovem médico, que a mata no momento em que sobrepõe o dever profissional ao sentimento humano. Ali verá enfim, naquele conto que lembra a infinita tristeza sem lágrimas de Tchekov (o Tchekov d'O *Álbum*), o velho soldado que vive só da memória e todo se revê na medalha ganha — essa medalha que, logo depois da sua morte, é dada como brinquedo a um garoto, que, desaparecido o encanto da novidade, a esquece na lama da rua.

Contos Bárbaros são o primeiro tomo de uma vasta obra que compreende vários títulos: *Contos Durienses*, *Terra Ingrata*, *Cinza do Lar*, *Caminho de Consortes*, *Folhas de Xisto*, *Rio Morto*, *Tempo Revolvido*, *Outro Mundo*. O “outro mundo” a que alude o autor não é o que existirá para além deste, e do qual ele afirma nada saber. Repetindo Camilo, confessa João de Araújo Correia: “de telhas acima não sei nada”. O “outro mundo” do seu último livro de contos é este em que caminhamos às apalpadelas, como num túnel onde sonhamos a luz ou como num labirinto onde procuramos a saída. São de “outro mundo”, esses contos, porque evocam tempos, gentes, costumes desaparecidos: Mas, se as modas passam, os costumes evoluem, as pessoas morrem, o homem é sempre o mesmo. O avaro, o perdulário, o luxurioso, o ladrão, o suicida, o assassino desfilam aí como em procissão dolente, mais instrutiva sobre a condição humana que muitos livros de filósofos. A angústia não é, aí, um pretexto especulativo — é um grito sufocado ou um grito desmedido. A angústia não é, aí, livresca — é qualquer coisa de real e de insuportável.

João de Araújo Correia não vai jantar à cidade como esses intelectuais, muito devotos do sublime, que

Bernanos já vomitava (ele que da angústia alguma coisa sabia), esses intelectuais que, em seus refinados banquetes, ignoram o homem que morre de fome no campo. É preciso nunca ter visto o gesto mecânico do agonizante puxando o lençol e a sombra da morte descendo sobre o rosto, para sofrer essas contrafações de uma literatura agónica que não respeita sequer o homem nesses momentos supremos. A mesma inautenticidade repele em tantas páginas ditas de amor, onde esse instante privilegiado de comunhão aparece transformado, por mãos profanadoras, num jogo absurdo em que bonecos de corda, que chamamos ainda homens, executam, mecanicamente, movimentos que seriam grotescos se não fossem penosos.

Essa literatura degrada tudo — o amor, a dor, a morte. Põe palavras inúteis onde só o silêncio seria eloquente. Na sua inimizade ao homem, rebaixa-o nos seus momentos mais altos: quando ama e quando morre, as duas faces opostas da mesma condição agónica.

Pelo contrário, a João de Araújo Correia como que o surpreendemos de chapéu na mão, num gesto de reverência diante do homem, que ele contempla calado. Em “Debaixo do Céu” — primeiro conto do seu último livro, *Outro Mundo* —, nessa história de dois irmãos que se batem, em campos opostos, numa luta fratricida, vem juntar-se, à fatalidade das opções políticas e à dor de um pai, a angústia pascaliana diante da abóbada nocturna: “Os dois irmãos, cada um em seu caminho, cismavam na limpidez da noite, no brilho de cada estrela e no silêncio da terra. Silêncio e quietude... Não bulia uma folha, não miava um gato nem ladrava um cão. Morreriam pasmados, aqueles dois desavindos, se o alto

céu, cheio de abelhas de oiro, não sussurrasse. Pareciam-lhes, salvo seja, que zumbia.” Tão anti-retórica é a arte do contista, que a gente mal se apercebe, diante de tantas sugestões subtis, da grandeza do quadro: a angústia do pai, a inimizade dos irmãos, o regresso dos filhos pródigos, a pequenez do homem ante os espaços infinitos.

Alguns contos de João de Araújo Correia dão ao leitor, por assim dizer, a sensação da tragédia em estado puro — veja-se, em *Folhas de Xisto*, “A Eleia”, o fetichismo dos objectos sem valor que se conservam como relíquias de família, ou, no mesmo livro, “A Última Letra”, a morte de um lavrador espoliado pelos próprios filhos. Outros contos, pelo seu jeito coloquial, lembram amenas conversas à sombra de uma árvore ou ao calor da lareira: “Fiquei no café, com o Dr. Ivinho, até às duas da tarde. Vejam os senhores como se perde o tempo.”

Assim conversada e em prosa enxuta, a arte narrativa de João de Araújo Correia obedece ao realismo da observação — um realismo ainda mais verdadeiro por ser eminentemente poético. Aí, entre as lágrimas dos homens e das coisas — lágrimas que às vezes se disfarçam, por pudor, em sorrisos —, se insinua o que se poderá chamar a filosofia de João de Araújo Correia. Trata-se de uma certa visão do mundo, nascida da experiência da vida e da tendência reflexiva. É uma filosofia do concreto, existencial se a palavra não assusta, centrada sobre essa personagem singular que se chama homem. Se algum título lhe cabe a tal respeito, é o de “pequeno filósofo”, como Azorín, para quem, um pouco à imagem e semelhança do comum mestre Montaigne, viver consiste sobretudo na aprendizagem

da morte. A morte tem na ficção de João de Araújo Correia um grande papel. Nos seus contos, há quem morra naturalmente, por doença ou velhice. E há quem morra violentamente ou fuja da vida pela porta desesperada do suicídio.

O realismo do contista raro cede ao absurdo e ao fantástico. Uma das poucas exceções é aquele conto de *Caminho de Consortes*, intitulado “O Monumento”. Trava-se aí diálogo entre um homem e uma estátua que se levanta numa clareira de olaias. Do diálogo entre a estátua de bronze e o homem de carne ressalta a vaidade da fama. Quem representa a estátua? Nenhum “general, nem político, nem sábio, nem escritor, nem artista”. Aquela estátua ergue-se no jardim para glorificar um homem que foi “poeta sem dedilhar a lira, pintor sem estragar pincéis, escritor sem destruir o idioma”. É um monumento, não à fama, mas à cordialidade de alguém que passou conversando e sorrindo, sorrindo e conversando. “Sabes — diz a estátua ao seu interlocutor — que os meus vizinhos, teus antepassados, não erigiram este monumento à minha personalidade. Erigiram-no ao meu sorriso, prenda que me distinguiu do bruto e do velhaco. Mas, que vale hoje o sorriso? Menos do que o bronze em que me fundiram.”

É esta filosofia, de um cepticismo risonho, que cobre com uma capa de benevolência as criaturas de João de Araújo Correia. Extingue-se-lhe, porém, o sorriso quando encontra no seu caminho um figurão qualquer — um cacique ou chefe político, que se serve dos outros sem nunca os servir, ou um burocrata, que reveste de embófia a sua tacanhez (veja-se, por exemplo, o “Juiz Substituto”, em *Folhas de Xisto*).

Mas o que prevalece é a atitude do homem compassivo, que, como um confessor laico, ouve a confidência do solitário, acode à cabeceira do moribundo, perdoa o pecado do homem ou da mulher, se esse pecado é fruto mais da fragilidade que da malícia. O que prevalece, também, é o poeta, que todo se dá a um como que êxtase vegetal, vendo os montes pintarem, as vides anunciarem uma bela colheita, as olaias cobrirem-se de um roxo dossel, a Natureza, em suma, a proclamar a graça de viver. Em horas nocturnas, um como que arrepio percorre o poeta, diante da noite secreta, de uma serra adormecida, de um rio que se ouve e não se vê. Nessa moldura austera, o homem não é ninguém — é um bicho perdido na indiferença e na imensidão do Cosmos. Pelos séculos dos séculos, ergue-se além o céu, enquanto a terra gira sem descanso. O céu e a terra não passam, enquanto o homem, nascido ainda ontem, vai já morrer amanhã.

IV / POESIA E PROSA DO QUOTIDIANO

Quando se fala de crónica e de cronista, o que nos vem logo à ideia é um vetusto in-fólio e um grave cavalheiro que celebram os grandes do Mundo e registam pacientemente os seus feitos, bodas e banquetes, caçadas e guerras. A linguagem é ainda de sabor arcaizante, como compete a documentos de uma época já remota, e também solene e áulica, como compete a escritos celebrativos.

Se o cronista era, porém, assistido de génio literário, e não sobrepunha o espírito cortesão à independência do juízo — como no caso exemplar de Fernão Lopes —, temos então, mais que um panegírico, uma obra histórica, e, mais que um registo tabeliônico de nomes, datas e factos, um grande documento humano e uma obra de arte. Mas, como todo o homem de génio, Fernão Lopes pode ter imitadores: o que não tem é discípulos. Quando não se chamam Fernão Lopes, a gente lê os cronistas um pouco como vê os pintores da corte: para admirar um retrato, um traje, um cenário. O que não lemos já (que pelo nome não perca) é o chamado cronicão. Aí, a pena já não escreve — mancha o pergaminho e torna-o ilegível.

A crónica e o cronista modernos não se distinguem da crónica e do cronista antigos no nome: é pelo espírito e pela letra que são muito diferentes. A crónica de hoje, se tem intuitos celebrativos, é mais modesta nas personagens, nos motivos e na linguagem. Já não monarcas e seus feitos, mas, porventura, um belo rosto de mulher entrevisto na rua, um velho camponês com a sua máscara de sages, um álbum antigo, cartas reencontradas, lugares tranquilos, árvores veneráveis como colunas de templo. O cronista moderno não mira ao eterno, mas ao transitório. Fala do quotidiano, de vidas sem história, de acontecimentos sem relevo, de coisas sem valor. Quase insignificante pelos temas que aborda, a crónica adquire os seus títulos de nobreza pela linguagem, muito castigada e exigente. É a linguagem que distingue ainda a moderna da antiga crónica. Ao estilo nobre desta substitui aquela uma linguagem onde a elegância iguala a simplicidade.

Hóspede do jornal, a crónica é um género literário recente. É quase uma criança: conta 200 anos, a idade do romance. Chamava-se no século passado folhetim, e lia-se no rodapé do jornal. Nascida no jornal, a crónica liberta-se porém do carácter efémero do jornalismo pela sua qualidade literária e por essa pitada de filosofia que dá como um sabor de eternidade ao que é produto do tempo. O artigo de jornal, esse dura o breve espaço de uma breve manhã. Escrevendo ontem ao correr da pena e hoje ao correr da máquina, o jornalista é vítima da velocidade: perseguido pelo tempo, abandona-se a uma facilidade toda profissional, de que acaba por se ressentir a prosa. Não pode ou não sabe transfigurar o quotidiano, extrair dos acontecimentos uma lição permanente.

Por que é que se lêem e relêem ainda hoje as crónicas políticas de Carlos Malheiro Dias ou a sua reportagem, chamemos-lhe assim, sobre o naufrágio do *Titanic*? Porque, com todo o seu talento literário, com toda a sua experiência de romancista, ele soube analisar as paixões humanas e descobrir no presente a herança do passado e a representação do futuro. Passam as gerações, porventura são outras as circunstâncias históricas, mas o cronista consegue perscrutar lucidamente o que há de imutável, e até de fatal, no comportamento dos homens e das nações, arrastados no mesmo cego torvelinho. Décadas depois da tragédia do *Titanic*, lemos Carlos Malheiro Dias como se fôssemos testemunhas do naufrágio. Ali está o navio em que se revê o nosso orgulho, ali estão a segurança, o conforto e o luxo, ali está a fragilidade de toda a obra humana e da própria vida, ali estão o pânico e a morte, a grandeza que nos enobrece e a miséria que nos avilta, ali está, enfim, o apelo religioso que se ouve nas horas supremas, quando o homem se acha abandonado à beira do abismo.

Carlos Malheiro Dias foi um grande cronista numa época de grandes cronistas na Imprensa portuguesa, herdeiros de uma tradição que teve no século XIX, com Camilo, Ramalho, Eça, Fialho, Mariano Pina, nomes significativos. Contemporâneos de Carlos Malheiro Dias ou seus sucessores na crónica são, entre outros, Campos Monteiro, Júlio Dantas, Augusto de Castro, Vitorino Nemésio, João de Araújo Correia.

O cronista de *in illo tempore* era, por assim dizer, o convidado de honra do jornal, que lhe facultava a primeira página e, não raro, o lugar reservado ao editorial. Ao prestigiar o cronista, o jornal prestigiava-se

a si próprio. Leitores havia que só compravam o jornal para ler o “seu” cronista — um oásis de bela prosa no deserto do noticiário nacional e internacional.

A crónica, que dava sabor à Imprensa, foi entretanto desaparecendo das páginas dos jornais. Desapareceram os cronistas, ou deixaram eles de ter leitores, ou a crónica, como género literário, caiu em desuso? Não cremos. Noutros países — no Brasil, por exemplo — a crónica mantém o seu lugar e o seu prestígio. Percorremos não importa que jornal ou revista e lá encontramos, para nosso regalo, o cronista ou o colunista. Não ignoramos que persiste aí a lição de Machado de Assis, o maior cronista que ainda houve em língua portuguesa. Alguns dos seus dons — pena leve, senso do humor, agilidade de funâmbulo — encontraram na crónica um meio de expressão adequado. De género menor, a crónica torna-se com Machado um género maior. Tudo lhe servia de pretexto para a inesperada divagação. A mais humilde personagem, o mais insignificante objecto, o mais trivial sucesso — a morte de um sineiro, uma velha espada, um bilhete de lotaria, um transporte público — adquiriam na sua pena uma dimensão extraordinária, fazendo grave um assunto ligeiro e ligeiro um assunto grave. De aparência por vezes quase fútil, a crónica machadiana é, se a lermos bem, uma subtil e dramática meditação sobre o desconcerto do Mundo. Nenhum autor mostrou como Machado de Assis que não há pequenos temas para grandes escritores: os pequenos escritores é que fazem pequenos os grandes temas. “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto” — escreveu ele, ao iniciar

uma crónica. Revelando o que passa despercebido a olhos desatentos, Machado de Assis denunciava que, não obstante a sua miopia, via longe e via fundo. E mostrava que eram ligeiras as suas pernas. Vindo de bem longe — do sineiro, da espada, do bilhete de lotaria, do transporte público —, chegava, nem ele saberia como, aonde menos se esperava.

Com os olhos postos em Machado de Assis, os brasileiros revelam-se bons discípulos do mestre. Seria longo, e portanto fastidioso, enumerar os grandes cronistas brasileiros. Citam-se, por todos, Rachel de Queiroz e Rubem Braga, clássicos do género, que preferem a concisão à divagação machadiana, e usam a mesma prosa de casta nudez e austero rigor.

Em época de domínio dos meios audiovisuais, a crónica devia assumir — ou reaver — o seu lugar. O noticiário pode-se ouvir ou ver, de um modo mais rápido, na rádio e na televisão. Para se opor à concorrência, os jornais deveriam zelar pela sua qualidade literária. Ainda se encontram leitores que apeteçam um bom naco de prosa como o pão de cada dia. Se não bastasse o exemplo brasileiro, aí estaria o exemplo italiano. Mesmo em tempo de sensacionalismo, de degradação, de decadência, a Imprensa italiana mantém a tradição da “terceira página” — uma criação do jornalismo transalpino. Que é a “terceira página”? É a página em cada dia reservada ao noticiário cultural, à recensão crítica e, sobretudo, ao artigo literário, subscrito por um nome de prestígio. Ao equivalente da nossa crónica, chamam-lhe ali *capitolo*, *elzeviro* ou *prosa d'arte*.

Não se pode falar de “prosa de arte” sem se falar de Emilio Cecchi, que, pela capacidade inventiva, poder de

analogia e prosa refinada, fez do artigo de jornal um momento delicioso. Nessa “prosa de arte” há de tudo um pouco: a evocação autobiográfica, a entrevista com gente conhecida ou anónima, o relato de viagens, a gratuita fantasia literária. Em *Pesci Rossi* — a primeira colectânea de Cecchi como prosador de arte —, ele confessa que a sua maior ambição de jornalista era a de saber entrevistar para o seu jornal a mulher que cada manhã cuidava das suas coisas e fazer manchete dessa entrevista.

Não nos lembramos se João de Araújo Correia entrevistou alguma vez a moça ou a velha que faz o serviço de casa. Mas recordamos que lhe serviu de tema para uma crónica a distribuição do leite no Peso da Régua. Para o cronista não há assuntos nobres e assuntos banais: todos têm a sua dignidade e a sua justificação. O cronista atende, como o jornalista, ao concreto. Mas, ao contrário deste, que corre atrás da notícia e não a alcança, o cronista faz uma “leitura” dos factos. Há nele qualquer coisa de filósofo e de poeta — um filósofo que interroga e um poeta que decifra. Poder-se-á dizer que, para o cronista, também nada do que é humano lhe será alheio. Na sua mesma variedade a crónica traduz o que há de vário na vida. A unidade, que se opõe à dispersão, procede da filosofia de vida do cronista e do seu estilo.

Originariamente publicadas na Imprensa e depois recolhidas em volume, as crónicas de João de Araújo Correia estendem-se por vários títulos: *Manta de Farrapos*, *Passos Perdidos*, *Horas Mortas*, *Ecos do País*, *Pó Levantado*, *Nuvens Singulares*, *Pontos Finais*, *Pátria Pequena*. Na escolha dos títulos há uma evidente intenção simbólica. *Manta de Farrapos* sugere o carácter

fragmentário da crónica jornalística, que de bocados entretece alguma coisa que nos cubra e agasalhe. *Passos Perdidos* inculcam a inanidade ou inutilidade das campanhas jornalísticas a prol do comum. *Horas Mortas* são as do lusco-fusco, quando o galo anuncia a manhã e o homem se debate entre o sono e a vigília — são aquelas horas em que o escritor, para responder à vocação ou cumprir o fado, se curva sobre a mesa de trabalho para estender páginas e páginas. *Ecos do País* são, garrettianamente, viagens na nossa terra e também viagens mais longas, ainda que à volta do quarto. *Pó Levantado* é, na imagem de Vieira, a vida humana, tão fugaz, que mal se levanta logo cai. *Nuvens Singulares* significam, talvez, as coisas que provocam melancolia ou perturbam o entendimento — tudo o que obscurece o céu e é inexplicável pela razão ou ofende o senso comum. *Pontos Finais* são isso mesmo — uma colaboração que se dá por terminada, um adeus melancólico. *Pátria Pequena* é a terra natal — no caso de João de Araújo Correia, a vila e o concelho do Peso da Régua.

Fiel ao berço, firmemente ancorado ao seu chão, erguendo aí a voz em favor dos valores locais, João de Araújo Correia não é provinciano como tanto intelectual nado e criado em Lisboa, que pasma beociamente para tudo o que seja estrangeiro e novo só por ser estrangeiro e novo. Sem sair do seu quarto, Pascal sabia mais da vida e do homem do que muitos que (Pessoa *dixit*) viajam para perder países. E Montaigne não precisaria de ir em peregrinação a Itália para estudar a condição humana — essa condição que, sem deixar a sua torre estudiosa, esquadrihava em si próprio. O espírito provinciano tem a ver sobretudo com a mentalidade.

Provinciano é o espírito tacanho, que não vê além do que os olhos vêem e se compraz de si. Padece de espírito provinciano quem é moralmente mesquinho e intelectualmente medíocre. Segundo João de Araújo Correia, o “espírito provinciano [é] bicho de mau carácter, que se deita a dormir e só acorda para desfeitear quem trabalha”. E acrescenta: “O espírito provinciano, atreito a delírios de grandeza inútil, não atenta no valor de muita coisa humilde.”

João de Araújo Correia é um paladino da singularidade e da diversidade contra a massificação e a uniformização; um defensor dos pequenos povoados de rosto humano contra as grandes metrópoles desumanas. Como escritor e como médico julga pouco estético e pouco saudável o macrocefalismo de um país raquítico. É também um paladino da Natureza, mãe que tratamos como se fora madrasta. Condenamos à morte o que nos dá vida. Derrubamos árvores que renovam o ar, dão sombra, abrigam ninhos. Não será mais agradável o velho canto das aves do que essa sinfonia do novo mundo executada por motores? Parece que preferimos a dissonância à harmonia. “Não há poeta que não tenha entoado algum louvor à árvore” — escreve João de Araújo Correia, que em nome da poesia e da vida não se cansa de castigar os inimigos da Natureza.

Por essa atenção às coisas humildes e por essa valorização do concreto, João de Araújo Correia situa-se nos antípodas da utopia e daquele espírito de abstracção que explica tanto desvairo e justifica tanto crime. O homem, não a Humanidade; o que os olhos vêem e o coração sente — neste pequeno mundo à nossa medida é que se move o escritor. Na defesa de um passado sem o qual o futuro não tem sentido, no culto de tradições

que são a permanência no transitório das novidades, na resolução de pequenos problemas que constituem condição prévia para a resolução de problemas maiores — nesta campanha a favor do país real se empenhou o cronista.

A nossa fatalidade de Portugueses não é tanto a rima como o visionarismo. Trocámos a construção de uma pequena pátria viável pela miragem de um império dilatado e distante. Inutilmente o Velho do Restelo desceu à praia para, em nome da razão, malsinar aventuras a seu ver insensatas. Abrimos mão de um pássaro, na mira de dois que voavam. Mas quem ouve os velhos? Quem, sendo novo, tem ouvidos para a experiência e a sabedoria? Consumidos pela febre, arrastados pela visão de um império universal, lá partimos. Entretanto, a casa ficava sem homem, com a mulher vestindo um luto antecipado e os filhos chorando a orfandade provável.

Contrariando esta nossa tendência para o desmedido e o planetário (temos sempre um plano para a salvação do Mundo, mas não somos capazes de pôr a casa em ordem), João de Araújo Correia vem lembrar algumas realidades comezinhas, como a distribuição do leite e da carne, ou defender valores ameaçados, como termas e matas. De que valem a um país os ideais alevantados ou os grandes projectos, se não for capaz de solucionar os problemas do dia-a-dia? Sem escolas e sem hospitais que funcionem, sem transportes e correios que satisfaçam, sem pão fresco e água no domicílio, como é que havemos de tornar fértil o deserto e assumir um papel histórico? Um país, se não for grande, ou só remotamente lembrar um país, não vá pois além da

chinela: seja ao menos, como propunha Junqueiro, uma mercearia bem arrumada.

Ao contrário de Machado de Assis, que nas suas crónicas divagava como se andasse à procura de tema — e, uma vez encontrado, ele parecia ser mote para inesperadas glosas, que dir-se-ia não terem já nenhuma relação com o ponto de partida —, ao contrário do grande escritor brasileiro, João de Araújo Correia vai directamente a um assunto, que expõe de modo ordenado. A variedade não se encontra em cada crónica, mas no conjunto das crónicas. Aqui, é uma evocação da infância, o retrato de um condiscípulo ou de um professor, a imagem do Porto, comercial e literário da sua mocidade; além, é um apontamento sobre um livro ou um autor esquecido, o relato de uma visita a gente de nomeada, um político como António José de Almeida ou um homem de cultura como Fidelino de Figueiredo; mais além, é geografia literária, são lugares camilianos, viagens fora de portas, ou, mais ambiciosamente, reflexões sobre a vida e sobre a morte.

Se é verdade que nas crónicas de João de Araújo Correia se ouvem sobretudo os “ecos do País”, se pelo seu espírito elas continuam a bela tradição neogarrettiana de defesa dos valores regionais e dos valores nacionais, não é menos verdade que tais crónicas têm um valor mais universal — um valor, digamos, sociológico. Castigando os costumes, da mania da televisão à psicose da velocidade, do abuso dos tranquilizantes à cozinha desenhada, João de Araújo Correia é um moralista que reclama da vida um certo estilo e do homem uma certa imagem.

Quando só o insólito, o abnorme, o rebuscado parece terem boa imprensa, como se de todo se tivesse

perdido o gosto do que é natural, saudável e límpido, as crónicas de João de Araújo Correia são qual água muito fresca para a nossa sede. Escreve ele: “A crónica é indispensável ao jornal como a notícia do último desastre. Substituído o gosto da leitura pelo vício da televisão, o homem invulgar, vítima da dispersão contemporânea, é feliz ao ler a sua crónica no seu jornal predilecto. Encontrou o que lhe faltava ao resto do seu dia.” E prosseguindo na sua alegação: “É obrigatório satisfazer no homem invulgar essa necessidade. A crónica e o conto, que os jornais publicam, são o último reduto da literatura. Ponto é que a não destruam os inovadores, tornando-a incomunicável à minguada de tudo quanto a sustenta. Se vai com as outras artes, reduzindo-se a corpo mergulhado em água turva, pode riscar do léxico o verbo ‘comunicar’.”

Para exemplificar como a simplicidade pode coexistir com a profundidade, transcreve-se este parágrafo da crónica “Belezas do Inverno”, que se pode ler em *Ecos do País*: “A neve é sorrateira. Deslumbra todas as pupilas, mas, inquieta a maior parte das almas. Cai entre silêncios tão absolutos, que só o da morte ou o do caos lhe dará de rosto. Faz da terra um sepulcro ou um regresso à primitiva luz. Cala-se e obriga a calar-se o mundo que sepulta. Mas, se o homem alguma vez soube modificar o seu ninho com um grande sonho, foi a neve que lho realizou. A terra, ninho do homem, deixou de ser terra depois de uma nevada. É, para além do súbito abalo, um país ideal. É o reino da brancura.”

Há em todo o livro que não seja apenas um conjunto de cadernos impressos, acidentalmente ligados por cola ou costura e não substancialmente unidos por ideias, há nesse livro, ao lado do que designamos pela sonora

expressão de mensagem geral, um recado particular — recado que cada leitor entenderá como dirigido a si, e só a si. Assim, aquela crónica de *Ecos do País*, “Em Redor do Eu”. Aí faz o autor considerações sobre a literatura autobiográfica que vale a pena reproduzir: “Não obstante as divergências que me separam de quantos memorialistas, registadores de impressões íntimas ou devassadoras da alma humana em alma própria vieram ter comigo, em saudosas leituras, nenhum me foi odioso. Rousseau, Amiel, Tolstoi, André Gide e muitos outros, que me disseram “eu” a cada passo, não conseguiram tornar-se-me odiosos — não obstante as minhas reticências. Nunca leio Montaigne, o do “eu” incansável, sem me sentir acima de mim próprio. E o Unamuno? Irrita-me, sacode-me, “sofisma-me”, se assim posso dizer, mas, que agradável banho de energia...”

Todo o escritor autobiográfico, que vive agarrado ao seu pobre “eu” como Eurico ao próprio cadáver, procura conhecer-se para melhor conhecer os outros. Faz de si, do seu corpo e, sobretudo, da sua alma, obstinada e heroicamente, cobaia de experiências que possam aproveitar-lhe a ele e possam aproveitar aos outros. É um mártir da condição humana. Pois, como dizia o citado Montaigne (que alguma coisa sabia da matéria), cada qual carrega o peso da humana condição — *chaque homme porte la forme entière de l'humaine condition*.

A crónica de João de Araújo Correia, como já se disse, não divaga — vai direita ao assunto, desliza límpida e esperta à superfície, sem esse ruído cavo de águas profundas, nascidas sabe-se lá de que remotas nascentes. Espelho de um espírito claro e ordenado, essa crónica é também modelo acabado de prosa. Mas,

por singular que seja a expressão artística, ela não deve distrair-nos do propósito de intervenção que anima o cronista em assuntos propostos à sua consciência cívica. O mesmo ideal pedagógico e patriótico de Ramalho Ortigão move João de Araújo Correia. Com menor agilidade ou menor vocação de bandarilheiro, as suas farpas são menos aceradas, sem por isso deixarem de ser menos certeiras. Uma boa colheita na seara de João de Araújo Correia, uma antologia de crónicas organizada com mão segura dar-nos-ia uma nova, e necessária, “arte de ser português” — na língua, nos costumes, na arte, até na culinária. Com essa muito lusitana menoridade intelectual que nos faz pasmar para tudo o que vem lá de fora, preferimos — “mísera sorte! estranha condição!” — às roupas próprias, roupas emprestadas, e gostamos mais de beber por copo grande, embora alheio, do que beber por copo pequeno, embora nosso.

Deste jeito o cronista louva o género que ele tem enriquecido: “Criei-me no culto do género literário a que chamam crónica. Por ele subi ou desci a outra espécie de devoções ou devaneios de espírito. Mas, o meu fraco pela cronicazinha original, reflexo de personalidade clara, ficou-me para sempre. Fui criado com ele... É como o paladar de certo prato caseiro, feito pela nossa ama ou pela nossa mãe, em certos dias de festa, naquele remoto mundo que foi a nossa infância. [...]”.

Que é a crónica para João de Araújo Correia? “Crónica — responde ele — é a visita cordial do escritor à redacção do jornal. É a conversa do escritor com o leitor comum. É acto de reflexão em obra de afogadilho. Poderá produzir-se em vinte e quatro horas

um in-fólio perfeito? Hoje, que a língua portuguesa vai por água abaixo, é crível que a crónica, se for exemplar, sirva de dique à perdição da língua. Pode ser modelo de bom gosto na arte de escrever, posto à disposição de quem não pode procurar, fora do jornal, outros modelos. O leitor comum não é ledor de livros. Raro é o que vai além da folha. Essa, lê-a de ponta a ponta, assimilando, aqui e além, vícios de linguagem provenientes da tradução literal de muitas expressões. [...]”.

Foi Ortega y Gasset quem, referindo-se ao seu compatriota Azorín, usou a expressão “primores de lo vulgar”. Não sei de melhor definição para as crónicas de João de Araújo Correia. Falecendo-lhe o tempo para grandes fábricas literárias, como o romance — que requer um traçado e uma aplicação inarmonizáveis com outras obrigações —, a crónica tem sido (com o conto) um dos seus meios de expressão preferidos. A brevidade e a concentração desses géneros permitem-lhe o aproveitamento de todas as horas roubadas ao sono e ao lazer.

Depois, o cronista (para só dele falar agora) tem o dom de revelar a poesia na prosa quotidiana, de descobrir a essência que se esconde na aparência das coisas, de captar o que há de eterno no efémero. Ligado ao concreto, honesto representante do realismo em arte, parece à primeira vista que João de Araújo Correia não se move nas altas esferas do inefável e do indizível. Mas o realismo não é, como o naturalismo ou, pior ainda, o neo-realismo, uma cópia servil ou fotográfica da realidade — é a transfiguração dessa mesma realidade. O que chamamos realismo não passa muitas vezes de uma visão subjectiva da realidade, tão infinitamente variável

como os olhos que a vêem. A arte desconhece o que seja a pura objectividade.

Mestre miniaturista, João de Araújo Correia executa, com mão ao mesmo tempo paciente e rápida, os seus labores. Desenha, acinzela, burila as suas pequenas obras-primas. Lembram elas o trabalho de filigrana, requintado na simplicidade artesanal da sua técnica. Escrevendo com facilidade, segundo confessa, João de Araújo Correia emenda e volta a emendar, na procura de uma perfeição que se nega aos desleixados. A arte é uma dama ciosa que não sofre a desatenção e a infidelidade.

V/ DOENÇAS DA LÍNGUA

O Dr. João de Araújo Correia, médico de clínica geral, é entretanto especialista de doenças da língua. Não se trata porém de glossites, como se designam em estomatologia essas doenças, mas de outras moléstias que afectam outra língua — a língua portuguesa. Esta língua, que herdámos sadia de Fernão Lopes, de Vieira, de Bernardes, de Garrett, de Camilo, vai definhando, de modo a tornar-se quase irreconhecível. Somos indiferentes à sorte da língua porque nos é indiferente a sorte da pátria.

João de Araújo Correia é dos poucos que se dói do estado da língua e lhe procura acudir. Não lhe basta o exemplo que dá — e o exemplo vale sempre mais do que as palavras —, escrevendo um português escoreito, onde a elegância vai de par com a clareza. E a clareza, com a pureza e a correcção, é uma das qualidades fundamentais da linguagem, e contra essas qualidades atentam os vícios que se chamam prolixidade, barbarismos e solecismos.

Com o intuito de acudir às mazelas da língua, abriu João de Araújo Correia uma “enfermaria do idioma”, onde gratuitamente exerce a sua actividade, ao mesmo tempo preventiva e curativa. Não tem sede fixa essa

enfermaria. Abre onde calha, sempre à mercê da boa vontade das folhas que a hospedam. E ali acorre o médico, ora com o seu nome, ora a coberto de um pseudónimo ou do anonimato, como se a mão que cura se envergonhasse de ser reconhecida.

Grande parte do labor de João de Araújo Correia em prol da língua portuguesa encontra-se no volume *Enfermaria do Idioma*. Eis um livro que, se houvesse uma política de educação nacional, seria de leitura, não diremos obrigatória, uma vez que a mais segura maneira de tornar uma coisa detestável é impô-la, mas de leitura recomendada no ensino secundário. Muito aprenderiam com ela alunos e não poucos professores. A estes não faltará certamente ciência, mas falece, por vezes, o bom senso e o bom gosto. Mais do que filólogo de título reconhecido, João de Araújo Correia é um artista. A autoridade que lhe assiste vem-lhe daí — a de ser um dos primeiros prosadores portugueses, a de ter o génio e o amor da língua.

Com argumentos tirados do senso comum e aconselhados pela eufonia, João de Araújo Correia advoga que a linguagem escrita deve estar o mais próxima possível da linguagem falada. A naturalidade com que falamos não deve andar arredia do modo como escrevemos. O que nos seduz, por exemplo, na prosa de Trindade Coelho? Aquele tom coloquial que nos dá a ilusão de que não estamos a ler, mas a ouvir falar. É, pela sua espontaneidade ou naturalidade, uma língua viva, que torna depois insofrível uma língua livresca ou solenemente académica.

Espontaneidade não quer porém dizer arbítrio. Está hoje generalizada a ideia, não sabemos se defendida até pela escola, de que podemos passar muito bem sem a

gramática. A gramática cristaliza a língua, impondo regras onde seria mister dar livre curso à espontaneidade e à criatividade. É verdade que a língua não se esgota na gramática nem os gramáticos são, por falta de agilidade e graça, quase nunca escritores. Mas, se isso é certo, não menos certo é que sem normas, regras, balizas, corremos o risco de cair no arbítrio, na extravagância, na anarquia. A lei, ainda que discutível, é sempre melhor que a ausência de lei.

Houve já quem dissesse que os pequenos escritores têm a sua gramática e os grandes escritores a sua língua. Aos grandes escritores, exactamente porque o são, estamos dispostos a perdoar até defeitos e deslizes. Os grandes escritores gozam de privilégios que aos pequenos não podem ser reconhecidos. Porque muito amam a língua, muito há-de ser perdoado a esses grandes escritores. A prosa de Camilo não está isenta de erros, descobrem-se nela solecismos, a seu tempo apontados por Carlos de Laet e por João de Araújo Correia. O que noutro prosador, que não Camilo, poderá ser tomado à conta de ignorância, nele só pode ser atribuído ao sono a que nem Homero escapava.

Foi Camilo quem escreveu que o mau português começa a sê-lo quando ofende a pureza da língua. Tanto se nos dá que se escreva assim como assado. A língua, como expressão do génio de um povo, da sua individualidade e autonomia cultural, nada significa para quem não pensa também em português. Não admira pois que, ao estudo dos clássicos portugueses, se substitua o estudo de autores escolhidos sobretudo pela sua ideologia internacionalista. Os livros de João de Araújo Correia, modelares de prosa, de humanidade e de civismo são sacrificados em favor de outros —

daqueles que se recomendam apenas por pertencerem ao mesmo corrilho.

As nótulas linguísticas de João de Araújo Correia obedecem ao intuito pragmático de ensinar regras de boa pronúncia e boa sintaxe. São lições de um mestre da língua que ensina quase brincando. E essa ironia é que tempera muitas vezes a severidade do magistério. “Não abras o *e* surdo — adverte o paladino do idioma — para o fazer brilhar mais do que lhe é dado. Cada vogal tem brilho próprio. Esse lhe basta. Abrir o *e* surdo para que cintile é o mesmo que infiltrar de purpurina uma rosa branca”. “Pronunciar bem uma sílaba átona é apenas animá-la para que se entenda. Não é preciso excitá-la, dando-lhe café ou óleo canforado”. “Em caso de dúvida, emudece a vogal. Ainda que peques, sorrir-te-á comovido o anjo da tua língua”. “A *roupa* do novo-rico chama-se *indumentária*”. “Dizes muito bem se disseres *candeeiro de petróleo*. O *candeeiro a petróleo* é uma invenção da tua cabeça. Não alumia nada”. E, como inculcando que não é hóspede na matéria e tem nela alguma autoridade, afirma João de Araújo Correia: “Voz de professor vale muito se for voz de mestre.”

Pelo seu intuito prático, *Enfermaria do Idioma* distingue-se do *Dicionário Falado*, “variações linguísticas” de Tomaz de Figueiredo. Se os dois livros coincidem no amor e no conhecimento do idioma, logo se apartam tanto pelo espírito como pela prosa — de uma grande simplicidade em João de Araújo Correia, de uma grande complexidade em Tomaz de Figueiredo. Caçador experimentado, o autor do *Dicionário Falado* vai no encaço de palavras e de expressões raras ou desusadas, a pretexto das quais divaga saborosamente, nunca se desprendendo do ficcionista e do memorialista que ele,

acima de tudo, é. Surgem ali figuras populares, tão vivamente evocadas, como vivas e genuínas são as palavras e expressões recolhidas. “Eu aprendo sempre dos simples” — confessa, não sem humildade, o autor, que se refere também à sua “instintiva carreira de pesquisador de linguagem”. E porque não se tem senão por isso — um caçador de palavras, um escritor de grande faro linguístico, um evocador entre lírico e satírico —, Tomaz de Figueiredo faz obra mais de artista que de filólogo. Aventuras de caça e pesca, divagações sentimentais, a sabedoria dos analfabetos, a língua ouvida da boca do povo, tudo faz de *Dicionário Falado* uma obra diferente e muito para se saborear. Um filólogo ressequido inventariaria, com diligência notarial, vocábulos e expressões, buscar-lhes-ia o étimo ou a raiz, sobrecarregaria o texto de notas em rodapé. As charlas linguísticas de Tomaz de Figueiredo, que não são de um especialista mas de um amoroso da língua, essas chegam ao nosso ouvido pitorescas e animadas, como se o escritor tivesse também sentado à sua mesa analfabetos Franciscos Gomes, que já ensinaram o português ao velho Castilho.

Enfermaria do Idioma, Dicionário Falado... A estes títulos, acrescentaria *A Língua Portuguesa*, antologia, organizada por Fernando de Araújo Lima, de variações de João de Araújo Correia em redor do mesmo tema — textos extraídos, não só de *Enfermaria do Idioma* como de outros livros do autor — e ainda *Charlas Linguísticas* de Raul Machado, que na televisão popularizou um programa que não era de sua natureza popular.

No destemor destes cavaleiros que, em defesa da sua dama, prosseguiram, com as armas que lhes eram próprias, o combate solitário de Cândido de Figueiredo

e de Agostinho de Campos, poderá o leitor achar exemplo e estímulo para um retorno à língua portuguesa e, através dela, à pátria portuguesa. A língua é sempre um título de identificação e de liberdade — título que sobrevive ao esbulho do território, à prisão e ao exílio. Quando se perde a língua, perde-se a mesma pátria. Durante o governo dos reis espanhóis, não foi a língua portuguesa e os escritores que teimaram em exprimir-se nela, e só nela, o derradeiro reduto de resistência ao domínio estrangeiro?

VI / UMA CONVERSA POR ESCRITO

A sugestão de Castilho a Camilo para que arranjasse um copiadador e fizesse traslado das cartas que escrevia com tal abundância e estro, não foi ouvida pelo autor da *Correspondência Epistolar*, mas por João de Araújo Correia (e, antes dele, pelo erudito Cunha Rivara). O autor de *Sem Método* é, ele sim, um homem metódico. Segundo confessa, herdou do pai, além do gosto de Camilo, o gosto, diremos até a exigência, do método. E herdou também o copiadador que se vê no seu escritório — pequeno e curioso móvel, com uma prensa em cima. Das cartas que escreve — e não são poucas nem poucos os correspondentes —, guarda cópia. Está pois ali, para quem um dia o quiser ver e estudar, um grande e precioso arquivo de algumas décadas de vida literária (e até de vida política) do País.

“Escrevo cartas às dúzias, — confia ele — e escrevo-as como respiro. Não há em mim, ao escrevê-las, preocupação literária de nenhuma espécie. Escrevo-as ao correr das teclas, lamentando sempre que a minha forma de letra seja ilegível.” E, na mesma carta, precisa: “Sigo, há anos a esta parte, o conselho de Castilho. Guardo cópias das cartas que expeço. Daí resulta que tenho em arquivo um grande epistolário. Se, depois da

minha morte, houver quem o joiere e publique, dará de mim novo testemunho e algum espelho da minha época.” Céptico, porém, quanto ao destino dos espólios num país que considera os papéis, ainda os de maior valor, como papelada inútil, escreve João de Araújo Correia: “Mas, pergunto eu: depois da minha morte, haverá quem se prenda comigo? Valerá a pena, seja a quem for, publicar escritos de homem independente?”

Porque tem caligrafia dificilmente intelegível — a famosa “letra de médico” —, recorre à dactilografia. Mata assim dois coelhos de uma cajadada: resolve o problema de uma letra ingrata e tira, a papel químico, cópia da carta que envia. Embora sem preocupações literárias, as cartas de João de Araújo Correia trazem a marca do escritor: concisão, clareza, elegância. Alguns dos seus melhores momentos estão aí, nessas missivas escritas *currente calamo* ou, como ele diz mais precisamente, “ao correr das teclas”.

A correspondência de João de Araújo Correia é muito diferente da de Camilo. Temperamental e truculento, Camilo abandonava-se à confidência, cedia ao demónio do sarcasmo. João de Araújo Correia é sempre comedido, tanto nas expansões como na expressão. Consegue ser subjectivo sem ofensa da objectividade. Mesmo em privado não se desprende do bom gosto. Ainda que não saia de casa, traz a cara escanhoadada e colarinho lavado. Respeita os outros, porque começa por se respeitar a si próprio. Límpidas, escuras, as cartas de João de Araújo Correia não têm esse ar estudadamente literário a que não escapam, por vezes, as de Teixeira Gomes (que usava também copiadador, hábito que lhe deve ter ficado da sua vida comercial) e as de Eça de Queirós. Tudo lhes era

pretexto, a esse autores de apuradíssima consciência estética, para um admirável exercício literário.

As cartas de João de Araújo Correia guardam-se no seu arquivo e, decerto, no arquivo dos destinatários. Além estarão mais acauteladas, não porque os destinatários as desestimem, mas porque os seus herdeiros as terão em menos conta. Sem que nos apercebamos, somos discípulos de Marinetti, iconoclastas como ele, e aceitamos — e propomos até — a destruição de bibliotecas e arquivos, tudo o que seja memória, individual ou colectiva, do passado. Em matéria de papéis, o que temos em grande apreço são os papéis de crédito. Por amor deles, não fazemos questão de sufragar o defunto de quem os herdámos: esses papéis valem bem uma missa.

A publicação de epistolários é, em geral, póstuma. Cartas escritas expressamente para serem publicadas, como obras literárias logo no espírito dos autores, constituem excepção. Aí estão os exemplos de D. Francisco Manuel de Melo e do Cavaleiro de Oliveira, a quem se devem *Cartas Familiares, ex professo* redigidas para serem impressas. *As Cartas de Inglaterra* e as *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*, de Eça de Queirós, são também endereçadas ao público, pela sua natureza de crónicas ou correspondências jornalísticas. Quando, em 1874, Camilo publicou a *Correspondência Epistolar* com Vieira de Castro, fê-lo por motivos não estritamente literários, mas para, de certo modo, reabilitar a memória do amigo que falecera dois anos antes no degredo.

Contam-se quase pelos dedos os casos em que os escritores publicam em vida as suas cartas. Temos o conhecido caso de Gide, que divulgou a sua correspondência com Claudel, decerto pela sua

constante necessidade de se justificar aos olhos dos outros e de se justificar aos seus próprios olhos. Não nasce do mesmo intuito de justificação o celebrado *Journal*?

A epistolografia, mesmo entre escritores, caiu em desuso. Desaprendemos de conversar. A televisão (ela sim, o ópio do povo) isola-nos e estupidifica-nos, rouba-nos a palavra depois de nos ter roubado o pensamento. A urbanidade não é a principal característica desta civilização egoísta, e os escritores, esses têm a superstição da posteridade: não há bilhete, ainda o mais trivial, saído da sua mão, que não vejam já impresso. Se a palavra falada se foi aviltando — falamos por monossílabos, numa linguagem básica ou num jargão incompreensível a quem não pertence ao clã —, que dizer então da palavra escrita, por sua natureza mais exigente? Atribuímos à falta de tempo a falta de educação — e a incapacidade de comunicar. Se ainda comunicamos, é pelo telefone, meio de transmissão mecânico e expedito, ou confiamos ao telégrafo e às suas fórmulas estereotipadas a mensagem urgente ou o cumprimento protocolar. Quando a urgência é menor, recorreremos ao cartão de visita, de expressão igualmente sucinta e mais prático. O postal ilustrado, esse é um expediente turístico: nós, por cá, encantados da vida, e vocês, por aí, bem? Enviado do estrangeiro, poderá ser uma ingênua manifestação de vaidade, como o de etiquetas de hotéis de nomeada em malas cosmopolitas. A pobre da carta é quase uma recordação do passado — do bom tempo em que os homens ainda falavam.

A carta é uma expressão de sociabilidade, uma prova de atenção, um testemunho de amizade e de respeito. Na fidelidade à correspondência, revela João de Araújo

Correia o seu feitio de homem cordial que não se esquece de acusar a recepção de um livro, de agradecer um artigo, de marcar presença em hora de júbilo ou de tristeza. Vivendo isolado, a epistolografia constitui para ele uma forma de convivência, uma conversa por escrito.

João de Araújo Correia escreve cartas sobre cartas. Nenhuma conhecemos que não tenha ao menos um parágrafo, um período, uma linha em que não esteja ele todo, o escritor e o homem. Apenas como exemplo e antecipação ao epistolário que, se um dia publicado em livro, daria uma das obras valiosas que, no género, ainda se publicaram em Portugal, transcrevem-se alguns excertos de cartas de João de Araújo Correia. Cada um deles documenta um aspecto distinto da mesma personalidade, cordial e discreta, dramática e graciosa.

Convidando alguém, que partia para o Norte, a fazer um desvio até ao seu eremitério para conversar e almoçar com ele, escreve João de Araújo Correia: “Conto com V. [...] para almoçar comigo a *vaca e riso* de Frei Bartolomeu. Peço-lhe que me avise para se matar a vaca. O riso está pronto, na boca do devedor, para saudar o credor como amigo.”

Agradecendo uma palavra de condolência pela morte de uma pessoa de família, assim se exprime João de Araújo Correia: “Minha irmã foi um ser fora de marcas. Foi, dentro do lar, uma personalidade. Fora do lar, passou despercebida, porque nunca representou, em nenhum palco, a caricata comédia da importância. Foi uma alma liberta de exhibições. Viveu, desde criança, para os afectos e dedicações familiares. Foi pouco? Só quem sabe o que é família o compreende.”

A propósito de uma antologia de Eça de Queirós, em que o organizador valoriza o cronista em desfavor do romancista, observa João de Araújo Correia:

“O grande feiticeiro do estilo nervoso, que adoptou no romance as fórmulas do Realismo, sem possuir o senso da realidade, é homem perfeito ao escrever uma crónica ou uma carta, com o feitiço de crónica, porque é homem livre. Esqueceu, na pasta de romancista, a receita de fabricar romances.

“Dentro do romance, é ainda como cronista que Eça de Queirós se salva ou quando apanha, de máquina fotográfica em punho, um tipo curioso. Não podem desaparecer, do álbum queirosiano, as figuras de Acácio, Juliana e Alencar. As demais figuras, todas ou quase todas, são debuxos realistas sem alma correspondente.

“Quanto a crónicas, entremeadas com o romance queirosiano, só quem for insensível à beleza as poderá esquecer. É uma quinta-essência, nos *Maias*, a reportagem de um dia passado em Sintra.”

Felicitando um pai pelo nascimento do seu primeiro filho, exclama João de Araújo Correia: “Não vale a pena explicar-lhe, porque não tem explicação, o abençoável conflito do orgulho e do anseio no íntimo de quem se vê continuado numa criancinha.”

A um filho, que acabara de perder o pai, assim escreve: “Imagino a [sua] dor [...] pela minha dor, que foi inenarrável quando o meu pai me deixou. Mas, o tempo é lenitivo. Hoje, que recordo o meu pai e até sonho com ele, penso que não morreu. Espera por mim, no cemitério de Canelas, para continuarmos a viver juntos até ao fim do mundo.”

Na mesma carta, mudando de tema e de tom, comenta com ironia: “... quando Montaigne lê os

descendentes, pasma da extensão dos seus escritos. Em mil páginas ou mais, *autopsiam* em vez de *ensaiar*. Provam que a semântica, em literatura, varia — se é que não degenera.”

Com frequência, acodem nas cartas de João de Araújo Correia diagnósticos pessimistas sobre o nosso tempo, gravemente doente, em seu entender, de doença moral: “É monstruoso, de calamidades morais, o mundo em que vivemos. Intolerância e deslealdade comem-se todos os dias.” Não basta, porém, diagnosticar — importa agir: “É indispensável que as almas bem formadas, sejam ou não ortodoxas, se rebelem contra o esfacelo moral da humanidade. Será possível? Essa gangrena talvez se deva a desequilíbrio cósmico.” Mas o espectáculo, próximo ou longínquo, do mundo — espectáculo a que não consegue furtar-se mesmo no isolamento do seu eremitério — é tal, que não deixa ilusões a quem tem olhos para ver: “Eu estou melhor. Fisicamente melhor... Moralmente, não posso ter saúde, porque leio ainda, embora por alto, o meu jornal. Cada número é um sudário do que se passa em Portugal e no mundo.”

Reagindo porém às dores gerais e às dores particulares que tanto o afligem como cidadão e como homem, escreve, escreve sempre, porque essa é a sua vocação e porque essa é a defesa do espírito contra as agressões da carne e da vida: “Eu guerreio-a [à *vil tristeza*] com as armas que possuo — silêncio e isolamento.” E combate-a também publicando: “Como nasci para escrever e publicar, não obstante as dificuldades de quem vive arredio dos centros literários, mando [...], qualquer dia, mais um livrinho saído da minha forja — alimentada com carvão de choça.” Não

sem, entretanto, protestar contra a situação de menoridade, para não dizer de exploração, de que é vítima, e em Portugal mais do que em nenhuma outra parte, o escritor: “Bem sei que o artista, como disse o Trindade Coelho, tem obrigação de morrer de fome. Pois sim... tem essa obrigação. Mas, não deve morrer depois de ter roído as unhas.”

No cumprimento do seu fadário, tem o escritor de lutar até com inimigos como o calor — esse calor que o obriga, em “três meses de inferno”, a escrever de madrugada e, durante o dia, quase às escuras. A luta ou a fuga a esse inimigo que debilita a vontade e o corpo serve de pretexto a uma evocação saudosa. “Com o calor de Junho, havia antigamente, como refrigerio as belezas de Junho — homologadas nas festas populares. As cascatas com os seus repuxos, os fogos de artifício, os cravos, os manjericos, as cantigas e orvalhadas refrigeravam o ar. Hoje, não o refrigeram, porque morreram. O povo, que deixou de ser povo, na minha terra, é modo de dizer que não desamarra da televisão. Uma tristeza...” E, como compete a todo o horaciano *laudator temporis acti*, lá vem, nas vésperas de um dia de bulício a que tentou esquivar-se, o gosto de viver tranquilamente e, sobretudo, o desgosto do tempo presente: “No dia 2 de Abril, estimaria ver-me longe da Régua, num bosque ou num jardim onde pudesse conversar com [...] alguns amigos sobre assuntos alheios à homenagem. Poderíamos chorar, por exemplo, a decadência das nossas letras e das nossas virtudes cívicas.”

Sirva esta amostra da epistolografia de João de Araújo Correia como que de introdução à leitura integral, em futuro que não se desejaria sempre adiado,

das suas cartas, que nada têm a temer em confronto dos contos e das crónicas. Até um escritor donairoso como Garrett, que parecia talhado para o comércio epistolar, fica nas suas cartas muito aquém do que seria de esperar de homem tão convivente e sedutor. Homem eminentemente social, preocupado portanto com a sua imagem pública, só esta lhe interessaria, e não o retrato íntimo que a correspondência privada transmite.

VII / PALAVRAS QUE O VENTO
NÃO LEVOU

A decadência estendeu-se também à arte oratória — tanto sacra como profana. O púlpito e o foro eram ainda ontem tribunas onde se cultivava o verbo. E o parlamento, se não se excedesse em demagogia ou em palavras sem palavra, parecia igualmente um templo em que no princípio era o verbo. Fora dessas tribunas públicas, não é preciso ter grandes invernos para haver conhecido gente de palavra fácil — conversadores notáveis que, na intimidade de um serão, encantavam pelo brilho da expressão, a memória pronta, o jeito natural de contar, e até de inventar, histórias. Quantos narradores se perderam assim, em palavras que o vento dispersou. Se têm passado ao papel o que oralmente expunham, teríamos aí algumas páginas saborosas, pela vivacidade do relato e sua exemplaridade quase de parábola.

Agora, se as pessoas ainda se reúnem, não é para conversarem — é para pasmarem em frente da televisão. Desaprendemos de conversar, já porque estão em declínio ou degradadas as formas de sociabilidade, já porque a própria linguagem se empobreceu. O português que falamos parece uma linguagem básica, se

se pode chamar linguagem a monossílabos, a exclamações, a vocábulos e expressões alheios ao gênio do idioma. Não dialogamos — monologamos. E sem ideias e sem sintaxe, esse monólogo não tem nenhum interesse humano ou literário. É a riqueza interior e a expressão literária que fazem a fortuna do solilóquio de Santo Agostinho e do monólogo de Hamlet.

O escritor é homem de monólogo ou de solilóquio. Por timidez ou reserva, é um fala-só. Conversa de preferência com o papel. E o livro (para repetir palavras de Julien Green) funciona como uma carta enviada ao leitor desconhecido. O escritor, em princípio, só sabe falar escrevendo. Escritores com vocação oratória também os há, mas não são muitos nem, de modo geral, os melhores. A oratória é para ser ouvida, e requer por isso palavras sonoras, gestos estudados, grandes efeitos para prender o auditório. A arte oratória tem qualquer coisa de um espectáculo de mágica, que se dirige mais aos sentidos que à inteligência. Memoráveis peças oratórias, que cativaram os ouvidos, deixam-nos por vezes uma impressão penosa quando lidas. Sem o eco dos lugares onde foram proferidas, essas palavras solenes rolam vazias, confrangedoramente vazias.

Se, por exemplo, abrimos os discursos de Alves Mendes, choca-nos todo aquele luxo verbal a revestir a pobreza das ideias. Não vemos ali o esplendor da palavra, mas a ostentação do verbalismo. É preciso remontar a Vieira para ouvir um orador que vence o tempo. Ali, naqueles altos cimos, a força verbal responde à força e audácia do pensamento. Temos ali uma eloquência que não se degrada em retórica. A eloquência, para ser persuasiva, é mister que seja sobretudo interior, e, como tal, não exige grandes

palavras, antes as refuga. As ideias e os sentimentos, quando autênticos, não necessitam de ser amplificados: valem por si. Na sua nudez essencial, a poesia de Ungaretti “diz” mais sobre a dor humana que a poesia ornamental de D’Annunzio. E, para não sair de casa, quem duvida que um poema em surdina de Camilo Pessanha desperta mais recônditos ecos que uma apóstrofe de Guerra Junqueiro?

Tem-se por assente que um escritor, como homem de palavras, há-de ser também orador. Quem sabe escrever, sabe falar. Ora, se a palavra é comum à escrita e à fala, difere no seu uso. Não basta ao orador a palavra — hão-de concorrer nele a voz, a presença, o gesto. Alguns escritores têm igualmente o dom da palavra — da palavra falada. Mas trata-se de excepções. Vitorino Nemésio era uma dessas excepções. Improvisava ou divagava com agilidade sobre não importa que tema. A experiência docente decerto o ajudava, mas essa capacidade de improvisação e esse à-vontade diante de qualquer público — o público indiscriminado da televisão ou o público selecto da conferência — provinham de outra fonte: da extraordinária maestria da palavra, de uma cultura multiforme, de um raro poder de correlação.

O escritor, ainda que não se chame Nemésio, vê-se também solicitado a trocar o solilóquio pelo diálogo, a charla, a conferência. A conferência é um singular diálogo em que uma pessoa tem o monopólio da palavra. Convidado a falar em público, o romancista Francisco Costa intitulou os textos que lia de “diálogos” — diálogos estéticos ou morais, conforme o seu tema. Chamou-lhes assim porque fazia depender a conferência de uma condição prévia: a de lhe formularem por

escrito as perguntas a que, também por escrito, ele respondia. As respostas constituíam o texto da conferência, que pela letra — e sobretudo pelo espírito — se distinguia de lições magistrais. Nas suas conferências, Francisco Costa era um ‘lente’, mas tão-só enquanto lia um texto cuidadosamente elaborado. Quanto ao mais, comportava-se mais como um artista que transmite experiência do que como um mestre que impõe ciência.

João de Araújo Correia foi algumas vezes arrancado ao eremitério para, com a sua palavra escassa e a sua presença discreta, falar de vários temas a vários auditórios. Há convites que são imperativos, e tem de se dizer “presente” onde, talvez, apetecesse responder negativamente. O sacrifício não será tão grande se o convidado, tendo de deixar a sua casa, não tem de deixar a sua terra ou a sua região. Mas já será maior se, para responder à chamada, tiver de ir de longada até Lisboa.

João de Araújo Correia não se tem na conta de orador, e, ao risco de improvisar, prefere a cuidada preparação de um texto, que depois lê sobriamente. Abençoado quem, violentando a sua índole de homem reservado, o obrigou a abandonar o seu isolamento. Graças a isso, temos o *Depoimento de João Semana sobre a Vida Clínica de Aldeia* — um dos textos fundamentais do nosso autor. Lido no Porto em 1944, mais tarde publicado em opúsculo e, enfim, recolhido, em 1972, no volume *Palavras Fora da Boca*, esse texto é uma pequena e preciosa autobiografia.

Começa o autor por confessar que lhe falece “o dom da palavra falada”. Se alguma coisa ele sabe, é escrever. Vem-lhe dos verdes anos essa vocação. Mas o pai, que o

iniciara em Camilo, sabia, como homem prático, que letras são tretas. E vá então de aconselhar o filho a que estudasse para médico. Filho obediente, fez a vontade ao pai. Coursou sem vocação, mas sempre com aplicação, Medicina. E abençoa a memória do pai por tão avisado conselho. Se o não tivesse ouvido, se tivesse obedecido só ao seu pendor de contemplativo, ficaria a observar a vida da janela do seu quarto. Obrigado pela profissão a sair dele, que é como quem diz a sair de si próprio, não foi apenas espectador da vida, mas viu-a de perto e conheceu-a por dentro. Como escreveu alguém, “o facto biológico da morte pode tornar-se, para o médico, um facto biográfico — um drama, portanto”. O que via e o que sentia começou a confiá-lo ao papel. A vocação literária da mocidade voltou a ouvi-la no exercício da profissão médica. A experiência enriqueceu-se com a leitura e releitura de poucos mas bons autores. A literatura, sim, mas em primeiro lugar a vida.

“Nesse convívio [com os homens], — escreveu João de Araújo Correia — tenho aprendido o que não vem nos livros. Tenho, por queda natural, estudado a Natureza sem interposição de letras. Tenho-me inclinado mais sobre corpos do que sobre livros. Destes, leio e releio apenas os que valem como arte ou constituem acabado espelho da acidentada fisionomia humana. Leio e releio Camilo, Eça de Queirós, João de Deus, Trindade Coelho. Cotejo as minhas observações psíquicas com a expressão delas em Camões, Cervantes ou Shakespeare.

“Amo a leitura, mas, nenhuma obra-prima vale para mim tanto como o homem de carne e osso — seja aquele em que latejam instintos perversos, seja aquele em que fulguram fogos siderais. É cada um sua

maravilha inédita para a minha gula de observador e homem reflexivo.”

Depois de contar casos exemplares da sua experiência clínica — casos em que os homens se nivelam com os brutos e casos em que, pelo contrário, a bruteza se humaniza —, e depois de enumerar as feras com que tem lutado — a superstição, o fatalismo e o egoísmo —, o conferencista explica por que invocou o nome de João Semana para o seu depoimento. João Semana é a intuição e a bondade que suprem a talvez escassa ciência. É a bonomia e a solicitude onde faltam os meios de diagnóstico e de terapêutica. Não sendo um modelo clínico, João Semana surge certamente como um modelo humano. Abundam em todas as profissões — e a médica não escapa à regra — os sábios, ou os que se têm por tais, e os tecnocratas, e os burocratas. O que vai faltando, nesse mundo metálico e organizado como um fichero, e rigorosamente anti-séptico, é o homem compassivo que se abeira do doente, não com fórmulas mágicas, mas com palavras cordiais. Mais do que um funcionário porventura eficiente, o que o doente desejaria ver era uma presença humana que, se não cura, ao menos consola.

Outra conferência — ou melhor, outro texto lido em público por João de Araújo Correia — trata de Ricardo Jorge, nortenho também, e médico, e escritor de linhagem camiliana. São afinidades demais para que João de Araújo Correia não sinta quase como um dever de família o levar uma flor ao túmulo ou ao monumento do portuense ilustre. Júlio Dinis é outro portuense, outro médico e outro escritor a que João de Araújo Correia, saindo do eremitério, vai pagar o seu tributo. Júlio Dinis é um escritor de “pena leve”, embora sem

aquela graça toda risonha que faz o encanto de Trindade Coelho. Ao evocar o escritor trasmontano no centenário do seu nascimento, João de Araújo Correia usa daquela simplicidade que é a que quadra a Trindade Coelho. E ao falar dele com o respeito devido a um mestre e a simpatia devida a um amigo, João de Araújo Correia não se esquece de sublinhar o que os separa: a crença no bem. O autor dos *Contos Bárbaros* olhou-a sempre com cepticismo, mas nela comungou o autor d'*Os Meus Amores*, até ao dia — trágico dia — em que se desiluiu sem remédio. Outro confrade das letras a que João de Araújo Correia traz público louvor é Domingos Monteiro, trasmontano como Trindade Coelho e extraordinário contador de histórias. Digo “contador” porque, ao ler Domingos Monteiro, temos a ilusão de o ouvir falar, tão congenial era nele o dom de narrar.

Os temas camilianos, sempre caros ao espírito de João de Araújo Correia, servem de pretexto a um texto que ele foi ler a Vila Real. A obra de Camilo e a geografia literária dão-se aí as mãos. Vila Real, cenário camiliano, parece que evoca em cada canto a personagem excepcional. Camilo Castelo Branco e João de Araújo Correia são homens do Norte e são escritores enraizados. A gente conhece o palco que pisam, a língua que falam, os apelidos de família, os nomes dos mestres. Não são filhos do acaso como os que se confessam cidadãos do Mundo porque não têm pátria nem demandam nenhum porto — frágeis canas à mercê de todos os ventos, despojos de naufrágios cuspidos nas praias, detritos arrastados nas torrentes.

Seria a altura de abrir aqui um parêntese sobre o camilianismo de João de Araújo Correia. Ele não procura imitar Camilo porque sabe que o génio é

inimitável. Escritor com autonomia espiritual, dá em linguagem sua o seu recado. João de Araújo Correia é camilianista por afinidade espiritual. Bebeu na mesma fonte do seu ilustre antepassado — a linguagem oral, popular, viva, qual a não sonham literatos. E ambos crêem que é o homem e são as paixões humanas a matéria-prima da literatura e ambos têm um respeito religioso pela palavra, sempre de metal legítimo e bem cunhada.

Herdando do pai, em verdes anos, o amor de Camilo, João de Araújo Correia lê e relê a sua obra. Conhece bem a letra, mas assimilou sobretudo o espírito de Camilo: uma elevada temperatura emocional, uma indefectível fidelidade ao génio da língua, um pé sempre na província, outro, graças à leitura, no mundo. Mas a prosa, opulenta em Camilo, e por vezes tão dura que parece quase rasgar o papel, é em João de Araújo Correia de uma extrema simplicidade e tão leve, que dir-se-ia mal tocar a folha.

No escritor chamado Camilo Castelo Branco, avulta o homem. Um homem de tal modo provado, que apela para a solidariedade. O leitor compraz-se na prosa ou nos enredos de Camilo, o colecionador junta espécies bibliográficas, o bisbilhoteiro publica anedotas e fareja escândalos. Na família dos camilianistas abundam aves de rapina que se precipitam vorazmente sobre os restos de Camilo. Tentam devorar, não a sua prosa, mas o seu coração — esse coração inconsumptível que bate ainda nos seus livros e nas suas cartas, sem que seja necessário conservá-lo num fúnebre relicário, como o da triste Fanny Owen, personagem tão pateticamente camiliana que parece uma heroína de novela.

O camilianismo de João de Araújo Correia é um camilianismo esclarecido, que se alimenta da obra de Camilo e do conhecimento dos lugares camilianos — S. Miguel de Ceide, Samardã, Friúme, Lamego, Vila Real, S. João de Arga. Do que leu e viu, e tem Camilo por tema, nasceu um pequeno e delicioso volume: *Uma Sombra Picada das Bexigas*. É um feixe de breves escritos sobre livros, figuras, efemérides e santuários camilianos. São coisas e pessoas que vivem — ou sobrevivem — porque de algum modo relacionadas com Camilo. Ele anima os sítios por onde passou, salva da vala comum gente que se lhe atravessou no caminho.

Na inumerável bibliografia camiliana, esse livro de João de Araújo Correia — *Uma Sombra Picada das Bexigas* — é rico de ensinamentos, de sugestões e de estímulos. Com os dados que fornece e o espírito que o dita, constitui uma bela iniciação a Camilo, não menos castigado pela vida que por camilianistas mal inspirados.

As conferências e palestras de João de Araújo Correia encontram-se, na sua maior parte, recolhidas no volume *Palavras Fora da Boca* — volume que reúne também entrevistas e depoimentos, indispensáveis a um melhor conhecimento do homem e do escritor. Vocação e método de trabalho, relações entre a medicina e a literatura, influências recebidas, a arte do conto e da crónica são alguns dos temas que João de Araújo Correia aborda nesses testemunhos.

VIII / NOTÍCIA BIOGRÁFICA

A 1 de Janeiro de 1899, nasce em Canelas do Douro (concelho do Peso da Régua) uma criança a quem foi posto o nome de João Maria, filho de D. Maria Emília de Araújo e de António da Silva Correia. Do matrimónio, celebrado a 2 de Maio de 1895, houve ainda duas filhas: Amélia e Maria Ana, nascidas, respectivamente, a 27 de Fevereiro de 1897 e a 2 de Agosto de 1900.

António da Silva Correia fora casado, em primeiras núpcias, com D. Amélia Fernandes de Almeida, falecida em 4 de Julho de 1894. Desse casamento houve dois filhos: Mariana Amélia, nascida a 18 de Março de 1892, e Vítor Alfredo, nascido em 13 de Novembro de 1893.

Em *Lira Familiar*, evoca João de Araújo Correia a “casa branca” onde nasceu, todos os anos, antes da vindima, caiada por “Mestre Lima” — uma casa sem grande horizonte, mas com um quintal que abriu os seus olhos para a “limpeza das coisas naturais”. São frequentes, ao longo da obra do escritor, as referências a seus pais. Sabemos, assim, que da mãe herdou a “sensibilidade poética” e do pai — que “não era homem de muitas lágrimas” — o seu gosto do método e o seu gosto de Camilo.

Numa página comovida, escrita quando a mãe morreu, João de Araújo Correia traça deste modo o retrato moral dela, que é um pouco o seu auto-retrato: “Reconheço que a minúscula porção benigna do meu ser é herança maternal. O amor aos simples, o amor do silêncio e da paz, a receptividade à melancolia da água corrente, a volúpia do sacrifício, a pouca poesia latente em mim, é filha da sua alma poética. Durante as provações atravessadas, fazia versos. Os meus péssimos sonetos dolorosos são descendentes degenerados das suas belas quadras. Narrava-me as cenas da sua mocidade com palavras e frases que pareciam traços e cores duma pintura. Legou-me esta memória artística.”

E, na mesma página e no mesmo livro — *Sem Método* —, pergunta: “Que foi que não herdei de minha mãe?” E logo responde: “A sua humildade. Levou para a cova uma auréola intransmissível. O orgulho, próprio da condição humana, transmutava-o de contínuo em calmo contentamento. Havendo sofrido muito, não logrou o pranto de menina e de velha arar-lhe o rosto delicado. Esgotou sem turbação o cálice da última agonia. Morta, parecia viva. Que serenidade!”

Em *Ecos do País*, de novo João de Araújo Correia sublinha as virtudes morais de sua mãe, tão poupada no dia-a-dia como liberal em socorrer a pobreza: “Farto-me de dizer que minha mãe, boa dona de casa, era económica sem ser avarenta. Digo também, a cada passo, que zelava a minha saúde, a de meu pai e a de meus irmãos como nenhum ministro zelou jamais a saudinha do povo — do nosso povo, se não quisermos sair de Portugal.

“Minha mãe era assim... Tanto poupava o pão de cada dia como a saúde de todos nós — espécie de

colmeia que ela governava. Seria incapaz de cozinhar ou mandar cozinhar o mais gabado pitéu se desconfiasse dele como portador de malefício. Quanto a dinheiro, nunca desperdiçou o valor de cinco réis — daquele tempo. Dizia até, para justificar o tino administrativo: *muitos cinco fazem muitos dez*.

“Quem isto ouvir, dirá que minha mãe era avarenta. Não era... Com o muito que forrava, ia matando a fome a muito pobre. E matava-a sem que ninguém o soubesse. Eles, os pobres, depois que ela morreu, é que se descoseram... Disseram mundos e fundos da sua caridade. Concluí que tinham comido connosco, à nossa mesa, sem nós os conhecermos.”

Em *Nuvens Singulares*, o autor regista ainda outra feição que herdou da mãe: “gosto muito de ver, mas, por feitio próprio ou de família, gosto pouco de ser visto”.

O pai, solicitador encartado na comarca do Peso da Régua, era, politicamente, o que se chama um “republicano histórico” — activo propagandista da República na vigência da Monarquia. Com o novo regime, António da Silva Correia foi nomeado administrador do concelho da Régua. O pai transmitiu a João de Araújo Correia, com o ideal republicano, o gosto de viajar e de ver, a “bossa literária” e a paixão camiliana. “Nasci, pode dizer-se, — escreve ele n’*Uma Sombra Picada das Bexigas* — em meio camiliano. Meu pai tinha na sua estante uma fileira de livros pequeninos, vermelhos, que lia e relia absorvido. Vim a saber que esses voluminhos, tão atraentes para o meu pai, eram obras de Camilo. Tinha-os adquirido, em rapaz, a 220 réis cada um. Pertenciam à benquista edição da Travessa da Queimada, 35 — Lisboa.” Ainda a respeito do pai e

do seu culto camiliano, diz João de Araújo Correia em *Palavras Fora da Boca*: “Outra das paixões de pai tão rico, no sentido de adorado, foi Camilo. O homem inteligente, sensível à beleza literária de cunho português, saboreava e tornava a saborear, em livros pequeninos, o autor maravilhoso.”

Contava 7 ou 8 anos João de Araújo Correia quando leu, pela primeira vez, um livro: *Mistérios de Fafe*, um livro de Camilo.

A rua onde mora — Maximiano Lemos —, na Régua, é a mesma em que se criou e se chamava então de Medreiros. Aí ficava também a escola primária que frequentou — “uma espécie de enxovia com dois fios de luz que vinha do quintal”, como se lê em *Ecos do País*. Antes de se matricular na escola oficial, frequentara uma escola particular, dirigida por D. Lídia Monteiro. Director da escola primária era o professor José Mílbal Martins, o “Sr. Zêzinho”, como lhe chama em *Sem Método*, mas que parecia desmentir esse tratamento afectuoso pelo vezo de “desorelhar os rapazes” com um vergueiro — vezo que justificava a alcunha de “Carrasco”.

Em *Pontos Finais*, evoca o nosso autor as brincadeiras da infância: “A eira era o meu recreio — meu e dos rapazes da minha vizinhança. Aí se jogou a *barra*, a *roça*, a *choca*, o *eicho* e a *mosca* — todos os jogos em que os moços se desenvolviam, competindo uns com os outros em habilidade e desembaraço.” E, com os jogos, lembra velhas criadas que contavam histórias e cantavam cantigas tradicionais.

Em 1910, aí dois meses antes da proclamação da República, João de Araújo Correia fez exame de instrução primária em Vila Real. Não obteve distinção

porque deu um erro no ditado: escreveu *saia* sem *i*, como confessa risonhamente em *Palavras Fora da Boca*. “Se eles soubessem — diz, referindo-se aos examinadores — como hoje se escreve *saia*, sem tinta quase nenhuma, tinham-me premiado.”

Em 1912 fez exames singulares de Francês e Inglês no Liceu de Vila Real, matriculando-se depois, como aluno interno, na Escola Académica do Porto — estabelecimento de ensino secundário que fora fundado em 1882 e de que era então director o chamado “Pai Santos”. Em três anos, vence João de Araújo Correia os sete anos do curso dos liceus. Entre os seus condiscípulos, conta-se Eduardo de Miranda, futuro advogado e autor de *Incoerentes*, livro de poemas publicado em 1920, com prefácio de Raul Brandão. A este livro consagra João de Araújo Correia uma crónica em *Pó Levantado* e àquele condiscípulo e amigo dedica um soneto (com data de 1923 e incluído em *Lira Familiar*) e o conto “Figos de Pau” — um dos *Contos Bárbaros*. Por seu turno, o Dr. Eduardo de Miranda, em vários lugares e ocasiões, enalteceu João de Araújo Correia.

Dos seus professores na Escola Académica, aquele que deixou rasto mais perdurável na gratidão e na obra de João de Araújo Correia foi Teotónio de Moura, que leccionava as disciplinas de Português e de História. À sua memória, dedica o autor *Contos Durienses* e *Enfermaria do Idioma*, além das crónicas que abrem os volumes *Três Meses de Inferno* e *Nuvens Singulares*. De Teotónio de Moura (1869-1934) escreve João de Araújo Correia: “Com os seus estudos de seminarista, sem mais recursos do que a sua inteligência e a sua vontade, foi guarda-livros no Brasil e, depois da sua volta a Portugal,

professor de graves disciplinas. Sem outros cursos, quanto mais formatura, foi mestre de si próprio com tamanho êxito, que pôde ensinar como ninguém, nos colégios do Porto, as matérias do seu professorado. Pertenceu à raça, hoje quase extinta, dos grandes autodidactas. Pertenceu à família de Herculano, Oliveira Martins e José Caldas.”

Outros professores da Escola Académica, de que temos notícia pelo antigo aluno, são os Doutores Alexandre de Sousa Pinto e José Alves Bonifácio (que leccionava Matemática), e o Doutor Gonçalves Sampaio (que regia as cadeiras de Botânica, Zoologia e Mineralogia). Mas nenhum exerceu sobre o discípulo influxo igual ou parecido ao de Teotónio de Moura.

É por essa altura — quando estudava na Escola Académica do Porto — que João de Araújo Correia escreve os primeiros contos. Embora escritos aos 15 anos, só aos 20 publicou alguns deles. Mas, não sabia ainda escrever, já ditava versos à mãe.

Depois de um ano de preparatórios na Faculdade de Ciências na Universidade do Porto — onde é de novo seu professor, na disciplina de Botânica, o Doutor Gonçalves Sampaio —, João de Araújo Correia ingressa na Faculdade de Medicina da mesma cidade. Aí teve mestres como os Doutores Alfredo de Magalhães (Terapêutica), Tiago de Almeida (Clínica Médica), Joaquim Pires de Lima (Anatomia Descritiva), Alfredo da Rocha Pereira (Patologia Médica) e Magalhães Lemos (Psiquiatria). Ao Prof. Rocha Pereira dedica João de Araújo Correia, em *Terra Ingrata*, o conto “O Dinheiro do Tio Carlos”, e uma crónica em *Horas Mortas*, onde alude ao “homem de ciência aplicada com o maior escrúpulo” e ao “modelo de infável bondade”. É

também a bondade que sublinha na fisionomia moral do Prof. Magalhães Lemos: “Se, a qualquer hora da noite, entrava em agonia um velho hóspede do manicómio, sem família cá fora que ainda o conhecesse, sem a mínima luz dentro do crânio, ex-homem ou *homem* que nunca tivesse sido, o professor Magalhães Lemos não arredava pé. Assistia-lhe ao trespasse até o último sopro” (in *Manta de Farrapos*).

Na sua mocidade académica, João de Araújo Correia não conheceu só professores e não conviveu só com colegas: viu, e frequentou até, gente que se distinguiu no campo da cultura e no campo da arte. “Assisti, nas ruas do Porto — escreve ele em *Manta de Farrapos* — ao ocaso de Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro e outros vultos. Conversei com D. Carolina Michaëlis, Júlio Brandão, Artur Loureiro e Teixeira Lopes. Consubstanciei o Porto daquele tempo na figura esguia de Marcos Guedes, jornalista que tinha alma de santo com uma cabeleira e uma vestimenta de filósofo romântico. Tertúlias, frequentei na *Brasileira* a do José Praça, cujo cérebro se queimou numa contínua exaltação humanística.”

Sampaio Bruno, outro acabado exemplo de autodidacta, publicara em 1912 — ano em que João de Araújo Correia desembarcava no velho burgo para estudar — *O Porto Culto* e morria daí a três anos. Guerra Junqueiro, que fizera também os seus estudos secundários no Porto, esse despedia-se do mundo em Lisboa, no ano de 1923 — era João de Araújo Correia estudante universitário. E estava ele a concluir o seu curso, quando morre, no Porto, D. Carolina Michaëlis. Quanto a Júlio Brandão — que vinha dos caprichos nefelibatas e dos pecados literários com Raul Brandão

—, quanto ao autor da *Galeria das Sombras*, dedica-lhe João de Araújo Correia um dos *Contos Bárbaros*: “A Mimososa do Carrapatelo”.

No colégio e na universidade — reconhece João de Araújo Correia — escreveu pouco. Parecia temer que as musas o desviassem do seu caminho — e o perdessem. Porém, alguma vez cedeu à tentação — e datam de 1921 os primeiros versos que escreveu. Sonetos dessa época deu-os o autor à estampa, muito mais tarde, na *Lira Familiar*.

No ano seguinte — a 8 de Outubro — João de Araújo Correia casa com D. Maria da Luz de Matos Silva. Foi um casamento fecundo, pois dele houve os seguintes filhos: Maria da Soledade (nascida a 8 de Setembro de 1923); Camilo (nascido a 28 de Julho de 1925); Rosa (nascida e falecida em 1927, com apenas oito meses); Maria Emília (nascida a 16 de Janeiro de 1928); João Maria (nascido a 25 de Agosto de 1929); Maria Virgínia (nascida a 13 de Setembro de 1931). Dos dois filhos varões, o mais velho, Camilo, será médico como o pai, de quem herdou a vocação de escrever também numa prosa enxuta, embora mais cáustica. O mais novo, João Maria, há-de formar-se em Direito (quando estudante, distinguira-se como intérprete do teatro vicentino) e ser advogado em causas cívicas.

No ano seguinte ao do casamento, em 1923, João de Araújo Correia vai, em peregrinação camiliana, a S. Miguel de Ceide: “Quando ali fui, em estudante, — recorda ele n’*Uma Sombra Picada das Bexigas* — a Casa de Camilo, restaurada pela primeira vez, deu-me uma sensação de ninho de azer camiliano, principalmente o quarto do plunitivo, com uma prateleira pregada na parede, para ter livros e papel ao alcance da mão,

quando escrevia na cama, e o grande escritório, com uma fila de janelas sobre os campos verdes e os cerros azuis longínquos — o país camiliano.”

No Verão desse ano, visita o jornalista Mayer Garção na redacção d’*O Mundo*, onde vira publicado, em 6 de Fevereiro, o seu primeiro artigo hospedado em folha citadina — a descrição de uma festa de aldeia. O relato dessa visita encontra-se n’*Uma Sombra Picada das Bexigas*: “Sentado a uma escrivaninha, pôs-se [Mayer Garção] a conversar comigo como camarada velho que tolera e aprecia um camarada novo. Por trás das suas lunetas, de vez em quando, acendia uma luzinha que só os poetas sabem acender. Tinha o seu quê de vivo e de mortiço.”

A 6 de Outubro, morre Maximiano Lemos, natural da Régua, onde nascera em 1860. Dele escreveu João de Araújo Correia que foi “profeta na sua terra, porque saiu da sua terra”. Dois anos depois da sua morte, a Régua dá o nome de Maximiano Lemos à Rua de Medeiros, onde se criou e vive João de Araújo Correia. Para uma reedição do livro *Camilo e os Médicos*, escreveria ele, meio século depois, um afectuoso prefácio em que se lê: “Maximiano Lemos foi bom. Foi bom estudante, bom dedilhador de lira em anos verdes, bom médico chamado à cabeceira de algum doente, bom professor em cátedra de Medicina e bom erudito. Neste particular, se eu não quisesse ofender-lhe a memória de modesto sábio e perfeito homem, deveria dizer que foi incomparável. Não se lhe deve, mais do que a ninguém, a *História da Medicina Portuguesa*? Se outros o acompanharam e o seguiram, na selva condensada pelos anos, foi ele o pioneiro e o espelho dos desbravadores. Desde a tese de formatura ao derradeiro livro, já escrito

a conversar com a morte, Maximiano Lemos investigou, com amoroso afincio, o passado da nossa Medicina.”

Em 1927, concluiu João de Araújo Correia o seu curso de Medicina, que se prolongou por motivos de saúde. A formatura foi também prejudicada porque o pai, acusado de envolvimento na intentona de Fevereiro contra a situação nascida do movimento militar de 28 de Maio de 1926, fora entretanto encarcerado na Penitenciária de Lisboa. Procurando valer ao pai, João de Araújo Correia bate à porta de António José de Almeida, que vivia então na Parede e ele já visitara, na companhia de seu primo Virgílio Correia, quando o tribuno era presidente da República. Em *Pontos Finais*, encontra-se notícia daquela visita a António José de Almeida: “Fui à presença do paladino. Vi-o deitado em modesta cama e, tão desfigurado, que apenas o reconheci. Tinha envelhecido a ponto de me parecer centenário. Da antiga barba e das antigas mãos, comparsas da sua oratória, restava uma poalha branca e dois molhos de tubérculos presos por uma rama.” A conselho do velho político, já no ocaso, João de Araújo Correia vai, ele próprio, ser patrono de seu pai. E tão bem se houve, com tal eloquência se comportou, que o instrutor do processo, coronel Schiappa de Azevedo, lhe disse: “O seu pai deve-lhe a liberdade. Não a deve a mais ninguém. O senhor, se não quisesse ser médico, seria um grande advogado.”

Em 1933, estreia-se o primeiro filme sonoro totalmente realizado em Portugal — *A Canção de Lisboa*, de Cottinelli Telmo, com Vasco Santana, António Silva e Beatriz Costa. Este filme fez rir a bom rir João de Araújo Correia, que a ele se refere com ironia, em *Sem Método*: “Não sei se gostaram da tal *Canção de Lisboa*. Eu

gostei. Ri-me estrondosamente. Vibrei todo. Tremi patrióticas sezões ao reconhecer que a chalaça portuguesa ainda não degenerara em espírito francês.”

Dois anos depois, conhece João de Araújo Correia horas de luto. Em Janeiro, morre, obscuramente como vivera, o romancista Vieira da Costa, a cuja memória o autor dedica *Contos Durienses* e páginas de *Sem Método*, *Manta de Farrapos*, *Pó Levantado* e *Pátria Pequena*. De *Sem Método* trasladam-se estes períodos:

“[...] Homem que foi produto da sua terra como queria o Anatole fosse todo homem grande, a escrever reflectiu, no bom e no mau, o seu ambiente. Fez mais: espelhou a paisagem, os costumes, os sentimentos, a poesia, todos os motivos pictóricos ou emocionais vizinhos, ficando por cima da escritura, a pairar com olho de águia, o crítico. Este predicado é que é raro. Vieira da Costa possuiu-o: O romancista Vieira da Costa viu as suas personagens de cima para baixo. Processo diferente do de Camilo, que se meteu dentro delas.

“Vieira da Costa publicou três romances: *Entre Montanhas*, *A Irmã Celeste*, *A Família Maldonado*. Não pôde publicar mais, porque a falta de vista o impossibilitou de escrever. Mas, ainda que a vista lhe não faltasse, creio que o Vieira da Costa não teria podido escrever melhores romances. O acumular de desgraças, a evolução de taras físicas, se porventura lhe não entenebreceram o espírito, é certo que lhe empeceram ou até quebraram a sina de romancista. Prova de que a inteligência não sofreu, senão o talento, é que o Vieira da Costa, já no tarde, publicou um folheto, *Portugal em Armas*, que é uma pequena maravilha de clarividência.”

Nesse ano de 1935, a 14 de Fevereiro, falece a mãe de João de Araújo Correia, D. Maria Emília de Araújo, que nascera em 11 de Março de 1859. Já vimos o retrato que dela traçou o filho e o que, no seu carácter, é herança materna.

Ainda em 1935, funda-se, na Régua, a Imprensa do Douro, que publicaria quase todos os livros do escritor.

No ano seguinte, a 11 de Outubro, a morte visita de novo a casa da sua família, levando-lhe a irmã mais velha, Amélia.

Em 1938, é dada à estampa a *História da Vila e Concelho do Peso da Régua*, de José Afonso de Oliveira Soares. A este investigador, desaparecido no ano seguinte, dedica João de Araújo Correia um dos *Contos Bárbaros*, intitulado “Milagre”, e uma crónica de *Horas Mortas*.

Enquanto os grandes conflitos, como a Guerra Civil Espanhola e a II Guerra Mundial, matam, perto ou longe, formas de vida e formas de civilização, João de Araújo Correia prossegue serenamente o seu ofício de homem e o seu ofício de escritor. Ao seu eremitério o vai arrancar um convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social — convite de que resulta a conferência lida no salão nobre do Clube Fenianos Portuenses, na noite de 21 de Outubro de 1944. Essa conferência, com o título de *Depoimento de João Semana Sobre a Vida Clínica de Aldeia*, foi publicada, em opúsculo, no ano de 1968 e, depois, recolhida no volume *Palavras Fora da Boca*.

Entretanto, nesse ano de 1944, a 3 de Junho, morre, em Coimbra, o Doutor Vergílio Correia (natural da Régua, onde nascera em 1888), historiador de arte e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Primo de João de Araújo Correia, ampara e

estimula os seus primeiros passos literários, prefaciando *Sem Método*. À memória do seu parente, cuja fisionomia moral procura retratar, dedica uma crónica emotiva, depois publicada em *Três Meses de Inferno*: “Ouso dizer que Vergílio Correia foi mais caritativo que Francisco de Assis. Francisco de Assis casou com a pobreza sem impedimento canónico, porque não era casado nem tinha filhos. Vergílio Correia casou com a pobreza sem se lembrar da mulher e do filhinho.”

Em 1947, a 15 de Junho, expira António da Silva Correia (nascido em 13 de Julho de 1869), que o filho honrara em vida e honra depois de morto. Quase a expirar o ano, desaparece também o erudito Abade de Baçal — Francisco Manuel Alves —, a quem João de Araújo Correia dedica um dos *Contos Bárbaros* — “Enforcado” — e de quem louva a simplicidade, a rudeza e a erudição. Lê-se em *Horas Mortas*: “Foi, religiosamente, um rústico. Gostava de procurar com os pés a palha do colchão para sentir o contacto da natureza brava. Caminhava de socos sobre a lama no Inverno de Baçal. Mas, se a lama lhe prendia os socos, largava-lhos e caminhava descalço. Escrevia debaixo de telha vã ou ao ar livre, em escritórios de pedra, improvisados em qualquer recanto da sua querida cortinha, entre zumbidos de abelhas que namoravam, no tempo, as suas merenções.”

Uma após outra, vão desaparecendo privilegiadas testemunhas do passado. Em Janeiro de 1949, chega a hora de Monteiro Ramalho, irmão do pintor António Ramalho e amigo de Silva Porto e de Fialho de Almeida. Membro do famoso “Grupo do Leão” — que Columbano fixou para a eternidade —, Monteiro Ramalho representava, entre os pintores, os literatos.

Era o crítico oficial do grupo. Jornalista e ficcionista, Monteiro Ramalho distinguiu-se, ao lado de Camilo, com a diatribe *As Ratices da Rattazzi*, em que fazia a autópsia da frívola literata. João de Araújo Correia, que conheceu pessoalmente Monteiro Ramalho, dedica-lhe “Uma Sombra” — um dos *Contos Bárbaros* —, uma crónica de *Sem Método* e outra de *Nuvens Singulares*. Aqui surpreende o lobo no seu fojo, “cáustico, trocista, de bigode sempre disposto à ironia”, que na sua solidão e na sua pobreza lia e relia Balzac.

António de Matos Ferreira, reguense e genro de João de Araújo Correia, desenha, em 1953, o ex-libris do escritor, que representa um cortiço e tem como divisa SICUT APIS. Esse motivo e esta legenda explica-os assim o possuidor: “No saudoso cortiço, as abelhas trabalhavam em segredo e em silêncio. Eram símbolos de discricção e obscuridade — ídolos do meu espírito. Detesto a propaganda retumbante do meu nome. Sou, como diz a legenda do meu ex-libris, SICUT APIS — que, em latim perdoável, quer dizer: COMO A ABELHA.”

Em 2 de Abril de 1956, João de Araújo Correia visita, na sua casa de Alvalade, em Lisboa, o escritor Fidelino de Figueiredo, já atacado do mal que o paralisara e só lhe permitia conversar por escrito. O cronista descreve esse encontro com o mestre da crítica, que conhecia apenas epistolarmente, em *Ecos do País*.

Dois anos depois, em 23 de Junho, é outra penosa visita que o escritor da Régua faz devotadamente: vai a Coimbra ver o Doutor Joaquim de Carvalho, doente de mal incurável. Ao mestre universitário — a quem dedicara o conto “Os Cegos de Nacomba”, de *Cinza do Lar* —, encontrou-o, naquele dia, já “arquejante,

anemiado, febril, reclinado no leito”, na verdade uma “sombra do que fora”. Na emotiva crónica de *Manta de Farrapos*, diz o autor que ele e o Doutor Joaquim de Carvalho, foram “devotos da mesma religião”, que se traduzia “no amor à liberdade, no amor à verdade, no amor ao país e à memória dos que o honraram”.

Em 1960, por iniciativa de Guedes de Amorim e com o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Escritores, é prestada, em Lisboa, homenagem a João de Araújo Correia. Na noite de 26 de Julho, em sessão realizada na Casa da Imprensa, discursam João Pedro de Andrade e o homenageado. Proclama então o primeiro: “João de Araújo Correia é um grande contista, isto é, um grande artista. Poder-se-á ser um grande contista sem se ser um grande artista? No romance, as linhas largas em que evoluem as figuras imaginadas ou evocadas pelo romancista faz que a arte se deduza de uma pluralidade de elementos, em que uns podem sobrelevar os outros sem perigo para a qualidade artística.” E, noutro passo, diz aquele crítico: “João de Araújo Correia é [...] um contista, um grande contista e, sem menosprezo pelos seus dotes de cronista [...], não esperemos nem desejemos vê-lo noutro género narrativo.”

Por seu lado, João de Araújo Correia declara: “A lã com que teci é churra, mas nossa. É nossa a língua com que balbuciei o que não pude expressar. São nossos os tipos do meu roberto. É nossa a madeira da minha barraca. São nossas as vistas que se descortinam do terreiro onde a levantei. É tudo português em mim. Se é defeito, hajam de desculpar.”

No dia seguinte, 27 de Julho, num banquete em sua honra, de novo discursa João de Araújo Correia, para alegar *pro domo sua*: “Não é procedente o apodo

regionalista nem o apodo *provinciano*. Perderam o senso. No tempo em que o tiveram, pouco se usaram. Existia o *regionalismo* sem existir a palavra. Ninguém se lembrou de chamar *regionalista* a Camilo, que viveu numa aldeia e deu como ninguém as regiões do Norte. Se fosse hoje, acoimavam-no de *provinciano* e, o que é pior, teriam pena dele. É como se procede com quem saiu duma universidade, goza de silêncios propícios à leitura e à meditação, viaja quando lhe apetece, vigia o mundo debaixo de telha à luz do receptor, mas... quer por gosto, quer por necessidade, viva numa aldeia. Tem-se pena dele:

“Pena é que se tenha tornado improcedente a acusação *regionalista* e *provinciano*. Quem me dera a mim ser ambas as duas coisas e de modo tal, que pudesse bater no peito com orgulho. Se tivesse saúde e dispusesse de tempo, que sempre me falece, percorreria os quatro cantos de Trás-os-Montes à procura de preciosos restos de *província fabulosa* e *reino maravilhoso* — como Camilo e Miguel Torga definiram a terra que se estende e encrespa do outro lado da cordilheira maronense. Traria desses erros prosa original, decerto mais sadia do que o capilé assimilável por menina que nunca tivesse saído do asfalto.

“No dia em que a província tiver morrido de todo, acabou-se a originalidade. No dia em que a cidade absorver o campo, toda a gente fará de toda a gente espelho dos seus gestos. Bebe-se à mesma hora o mesmo *cocktail*, fala-se o mesmo calão e representa-se, no mesmo palco, a farsa da importância.

“Pobre temática a do escritor futuro. Pobre temática a do escritor português no dia em que dez milhões de almas joguem com frenesim o mesmo futebol.”

Antecedendo a homenagem, a Imprensa registou depoimentos de alguns confrades. Depois de afirmar que “Araújo Correia é dentro de fronteiras o mais universal dos escritores”, acrescentou Aquilino Ribeiro: “Não é o mestre da Régua, como se dizia de pintura, no obscuro século de Quinhentos, o mestre de Ferreirim, ou de Linhares. Mas o mestre de nós todos, que andamos há cinquenta anos a lavrar nesta ingrata e ímproba seara branca do papel almaço, e somos velhos, gloriosos ou ingloriosos, pouco importa; mestre dos que vieram no intermezo da arte literária com três dimensões para a arte literária sem gramática, sem sintaxe, sem bom senso, sem pés nem cabeça; e mestre para aqueles que terão de libertar-se da acrobacia insustentável e queiram construir obra séria e duradoura.”

No seu depoimento, Ferreira de Castro disse considerar João de Araújo Correia “um poderoso escritor, um dos melhores contistas que tem tido a nossa língua”. Por sua vez, José Régio declarou: “Muito conveniente é hoje afirmar que a verdadeira originalidade não consiste em imitar extravagâncias alheias; nem sequer, em inventar coisas ‘originais’. Em João de Araújo Correia é justíssimo honrar a independência dum excelente escritor que segue o seu caminho — a sua originalidade — num género em que a nossa literatura é notável, e que ele contribui para dignificar.”

Associando-se às homenagens a João de Araújo Correia, a Casa de Trás-os-Montes, de Lisboa, promove um banquete em que é orador Domingos Monteiro. Por seu turno, uma editora lisboeta publica *Os Melhores*

Contos de João de Araújo Correia (selecção e prefácio de Guedes de Amorim).

Em 28 de Abril de 1961, morre, quase centenário, o cronista e historiador de arte João Barreira — um homem da geração de António Nobre e de Raul Brandão, companheiro deles em aventuras literárias da mocidade. João de Araújo Correia, que o visitara na sua casa da Lapa, em Lisboa, e com ele se carteara, escreve, na crónica que lhe dedica em *Horas Mortas*, que “a lição principal do Dr. João Barreira foi o seu apreço ao trabalho, o seu amor à vida e a sua esperança de vida numa idade em que o macróbio comum desistiu de viver”.

Na noite de 30 de Junho desse ano, João de Araújo Correia lê, na Casa de Trás-os-Montes, em Lisboa, uma conferência em que traça o “Perfil Trasmontano de Trindade Coelho”, no centenário do nascimento do autor d’*Os Meus Amores*. A conferência sai em opúsculo ainda nesse ano de 1961 e é como um tributo pago de bom grado pelo discípulo ao mestre.

Outro discurso, mas em 1964 (15 de Junho), profere João de Araújo Correia, ao presidir à sessão comemorativa das bodas de prata da Ordem dos Médicos, de que ele é membro fundador. Do seu breve discurso — que se pode ler em *Palavras Fora da Boca* —, extrai-se esta afirmação: “O médico lembra o actor. Só é conhecido onde representa e enquanto representa. Fora da cena, morreu.”

Em 1969, a 11 de Novembro, é tornado público que o júri do Prémio Nacional de Novelística, da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, atribuíra, por unanimidade, esse galardão a João de Araújo Correia. Declarou então o premiado: “Recebi de boa mente o

Prémio Nacional de Novelística para não desgostar o júri que mo conferiu. Recebi-o para não desapontar, com imerecida grosseria, o Dr. Domingos Monteiro, delicado intérprete da vontade do júri. Recebi o prémio de boa mente.”

Esse ano de 1969 fica também assinalado por dois lutos: um de âmbito familiar e outro de âmbito literário. Em 21 de Julho, morre seu meio-irmão Vítor Alfredo e, em 22 de Dezembro, José Régio. Num texto escrito para o *In Memoriam* e recolhido em *Pó Levantado*, fala João de Araújo Correia de Régio, não como escritor, mas como coleccionador ou “amigo de coisas velhas”. Aí se acentua o tradicionalismo do escritor “modernista”: “José Régio, poeta humanista, conciliou o humanismo com o amor ao ido no sentido de raízes. Sentiu que novo humanismo, sem raízes, é árvore que não pega. A história do povo é povo. Destruí-la é destruí-lo...”

Em 1970, a 29 de Abril, outro escritor, da geração de José Régio, desaparece: Tomaz de Figueiredo. João de Araújo Correia lembra assim, no mesmo *Pó Levantado*, os seus encontros: “Quando descia à Régua, logo me telefonava para combinarmos o nosso encontro, conversarmos um rato — sentados lado a lado no banco de uma livraria. Creio que nos aproximavam as nossas diferenças de pensar e até o modo de sentir a coisa literária. Ele, com o nariz arrebitado, era uma espécie de lutador glorioso. Eu, com o nariz humilde que Nosso Senhor me deu, era e sou uma espécie de antena desconfiada ou meio desiludida de quanto vai pelo mundo. Certo é que o seu feitio e a minha falta de feitio se atraíam e estimavam. Eu também gostava de o ver e de conversar com ele, sentado a seu lado, no banco da

livraria, que ele denominava, com latente orgulho de escritor aguerrido, *banco dos régulos*.”

Tendo sido distinguido também com o Prémio Nacional de Novelística, da Secretaria de Estado da Informação, o escritor Domingos Monteiro, desce a Lisboa João de Araújo Correia para discursar na sessão de homenagem, promovida pela Casa de Trás-os-Montes em 11 de Março de 1972. Nesse discurso (vid. *Palavras Fora da Boca*), disse João de Araújo Correia: “contador de histórias que vale a pena contar, muito me lembra [Domingos Monteiro] Somerset Maugham. Todavia, que diferença não há entre o autor português e o autor inglês! Somerset Maugham é um frio especulador de casos raros, que poderiam ter acontecido com auxílio ou sem auxílio do maravilhoso. Com este auxílio ou sem este auxílio, o nosso autor português não corta o cordão umbilical que sustentou as suas criaturas. Não se despede de Simão Bolandas. Não perde o senso humanístico, irmão gémeo da sua poesia. Sem esse senso, contar histórias é entreter sem prender”.

A 7 de Junho do mesmo ano, falece a irmã mais nova de João de Araújo Correia, D. Maria Ana. À sua memória dedica o autor *Rio Morto*.

Em 6 de Março de 1973, morre, com 88 anos, o Padre Luís Castelo Branco, sobrinho-neto de Camilo, devoto camilianista e eloquente orador sagrado. Em sua companhia, visitou João de Araújo Correia um lugar camiliano — Friúme —, como recorda n’*Uma Sombra Picada das Bexigas*. Quando da sua morte, João de Araújo Correia traçou dele o seguinte retrato: “A natureza, que negou a Camilo o dom da formosura, parece que se arrependeu no Padre Luís Castelo Branco. Deu-lhe belos traços... E, para melhor vincar o arrependimento,

meteu-lhe dentro do crânio o espírito de Camilo. O Padre Luís, não obstante o traje sacerdotal, morreu camiliano de todo na ironia, na troça e até na língua expedita para replicar de modo perfurante. Mas, alto lá, também morreu camiliano de todo na afectibilidade. Foi generoso como poucos homens.” À sua memória dedicou João de Araújo Correia, quando impressa, a conferência *Camilo à Beira do Lima*.

A 3 de Março de 1974, o escritor é de novo homenageado — desta vez, no Ateneu Comercial do Porto. Em nome desta instituição, falou o Sr. Pedro Baptista. Oradores da sessão: Drs. Alberto Uva, Acácio Tavares, Adriano Vasco Rodrigues, Arlindo Lima de Magalhães, Eduardo Cunha de Miranda, Henrique de Almeida, Mário de Meneses e Óscar Lopes. Tal homenagem foi iniciativa dos seguintes organismos: Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Ateneu Comercial do Porto, Clube dos Fenianos Portuenses, Liga Portuguesa de Profilaxia Social e Instituto Cultural do Porto.

No âmbito da homenagem, realizou-se, em 29 de Março, um colóquio sobre a obra de João de Araújo Correia, orientado pelos Drs. Alberto Uva e Óscar Lopes, no Clube dos Fenianos Portuenses. No dia seguinte, abertura de uma exposição bibliográfica no Ateneu Comercial do Porto.

No discurso de agradecimento, então lido, disse João de Araújo Correia: “O Porto, onde me criei para a vida mental, onde me reconheci portador de pequeno recado literário, que não cheguei a dar, porque me traiu um acervo de vicissitudes, parece que me viu ao microscópio. Viu no meu pouco o muito que lhe deu uma objectiva comprometida em lhe fazer a vontade.”

Antes, o escritor refugara, uma vez mais, o apodo de “provincianismo”, colado à sua obra: “Há muito provincianismo, grande bisbilhotice, maior mexeriquece que a das tangerinas, na vida literária portuguesa. Mas, nos grandes centros, a mexeriquece bate o auge — como diria o meu saudoso amigo Aquilino Ribeiro. Há mais província nas capitais do espírito do que em arredios neurones da mentalidade. Eu, que vivo isolado, no meio da província, não sei o que é província na carta corográfica do pensamento. Deriva-me deste privilégio a graça de perdoar contestações sem cabeça. Benditos sejam os contestadores.”

Em 19 de Outubro de 1974, um ofício assinado pelo vereador servindo de presidente, António Monteiro, comunicava a João de Araújo Correia que a Câmara Municipal do Peso da Régua, na sua sessão do dia anterior, deliberara por unanimidade dar o seu nome a uma rua da Vila. Logo a 22, o escritor acusa a recepção desse ofício, numa carta que vale a pena transcrever, na íntegra, por sua exemplaridade:

“Muito me surpreendeu V. Ex.^a, comunicando-me que a Câmara Municipal do meu concelho tinha deliberado, por unanimidade, baptizar com o meu nome um arruamento da nossa vila do Peso da Régua.

“A minha surpresa depende da ilusão em que tenho vivido. Nunca supus que os meus vizinhos se lembrassem de mim, pela voz de quem os representa, para me prolongarem a vida na esquina de uma rua.

“A minha obscuridade ficou alvoroçada com a deliberação que V. Ex.^a me participou no seu ofício, datado de 19 do corrente e hoje recebido. Não contava com uma honraria capaz de me desvanecer se eu fosse

humilde ou estivesse, pelo menos, em idade própria de grandes presunções.

“Cumpre-me agradecer, na pessoa de V. Ex.^a, o delicado preito. Agradeço-o de todo o meu coração, já bastante velho, mas ainda capaz de pulsar com um vibração de reconhecimento.

“No entanto, se agradeço a V. Ex.^a o galardão, é certo que também me cumpre decliná-lo sem sombra de orgulho. É contra a minha opinião a homenagem que se presta a uma pessoa viva, pondo-lhe o nome à entrada e à saída de uma via pública.

“Tenho para mim que semelhante homenagem só se deve prestar a quem morreu com algum cheiro de notabilidade, mas, decorridos anos sobre a sua morte. A meu ver, só o tempo dirá se qualquer espécie de consagração é merecida.

“Peço a V. Ex.^a que me perdoe a renúncia e me creia, para sempre, muito agradecido.”

Entretanto, João de Araújo Correia suspende a sua colaboração na Imprensa, desde que o diário portuense em que habitualmente escreve lhe corta um artigo. Talvez recorde, nessa altura, o que escrevera a respeito de Vieira da Costa, igualmente sacrificado à arbitrariedade da “censura particular, recôndita, subterrânea, mais indigna do que, a outra [a oficial] por ser dissimulada”. Mais tarde, porém, João de Araújo Correia regressará àquele diário como colaborador do suplemento “Cultura e Arte”. Colabora em outros órgãos da Imprensa, designadamente no “semanário independente do Alto Douro”, *O Arrais*, que começou a publicar-se na Régua em 1978.

Em 1979, a 11 de Março, falece em Lisboa o escritor Guedes de Amorim, o grande obreiro da homenagem nacional a João de Araújo Correia em 1960.

Na noite de 25 de Fevereiro de 1980, os estúdios do Porto da Radiotelevisão Portuguesa transmitem o programa, da responsabilidade de Filinto Lapa e Adriano Nazaré, *Vida e Memória de João de Araújo Correia*. Além da cinematização de um dos *Contos Durienses* — “Lampreia” —, o autor leu sobriamente essa obra-prima que é “A Eleia”, conto das *Folhas de Xisto*. Depuseram sobre a obra do escritor a Dr.^a Maria Júlia de Figueiredo Galvão e os Drs. Cruz Malpique, Eduardo de Miranda e Óscar Lopes. Sobre a figura humana de João de Araújo Correia, a televisão recolheu os depoimentos do seu filho Camilo e dos seus netos Ana Maria e João de Melo Sampaio de Araújo Correia.

No mesmo ano, surge o movimento da “Nova Renascença” (que reivindica a herança cultural da mesma associação que eclodira no Porto “há cerca de três quartos de século” e reclama para a capital do Norte o primado intelectual que já tivera), “Nova Renascença” de que é órgão uma revista trimestral com o mesmo nome e director literário José Augusto Seabra. Entre os signatários do “Manifesto por uma ‘Nova Renascença’” — datado de 15 de Junho —, figura João de Araújo Correia, que no 1.º número da revista assina uma prosa camiliana: o relato de uma visita à casa de Camilo, em S. Miguel de Ceide.

O semanário *O Arrais*, do Peso da Régua, pela pena de um colaborador, lança entretanto o alvitre para uma homenagem a João de Araújo Correia. Um ano depois, em 8 de Outubro, o mesmo jornal publica um artigo, “Mãos à Obra”, assinado pelas iniciais J.M.R.C., que

retoma aquela sugestão. Vencendo todas as resistências — e a primeira e a maior de todas a do próprio homenageado —, o mesmo semanário abre uma subscrição pública para angariar os fundos necessários ao levantamento de uma memória a João de Araújo Correia, em local muito caro ao escritor, pela panorâmica que dali se oferece aos olhos. Assim o esboça ele: “Entre o Peso e Lobrigos, um pouco acima do Fial, há à beira da estrada uma espécie de miradoiro entre duas árvores. Vê-se, através delas, o casario do Peso, o vale das Fontainhas e um pedaço do rio. Vou lá muitas vezes — como toda a gente sabe.”

Ultrapassados os obstáculos, obtidos os fundos, em 2 de Abril pôde realizar-se a homenagem, no entanto sem a presença de João de Araújo Correia, convalescente de uma crise de saúde que o levava, pouco antes, a uma clínica do Porto. A homenagem traduziu-se no descerramento de uma lápide que dá o nome do Dr. João de Araújo Correia ao balneário termal das Caldas do Moledo, que tiveram sempre nele um animoso paladino; na inauguração de um museu, também com o seu nome, numa das salas do quartel dos bombeiros do Peso da Régua, e na abertura, no mesmo local, de uma exposição biobibliográfica; no descerramento do banco-memorial, no sítio do Fial, sendo orador o Dr. José Maria de Carvalho, elemento da comissão executiva; na sessão solene no salão nobre da Casa do Douro, presidida pelo ministro da Cultura, Dr. Francisco Lucas Pires, e em que o Dr. Manuel Braz de Magalhães, director do semanário *O Arrais*, falou do médico e do escritor — do escritor que se adiantou ao médico, do médico que furtou tempo ao escritor, mas, do mesmo passo, o enriqueceu de vida e humanidade.

Uma medalha comemorativa, de bronze (da autoria do escultor Laureano Ribatua), foi cunhada, apresentando, no anverso, a efígie de João de Araújo Correia e, no reverso, aspectos da faina agrícola no “país vinhateiro”.

Ausente, em corpo, dos vários actos da homenagem, João de Araújo Correia fez-se neles representar por seu neto João e por seus filhos Camilo e João Maria, que, em nome do avô e do pai, agradeceram. Na sessão da Casa do Douro, o Dr. João Maria de Araújo Correia leu um soneto (*Abri!*), que, à guisa de agradecimento, seu pai compôs.

Mas, como pessoa bem-criada que não desaprendeu de conjugar, sempre que ocasião se lhe oferece, o verbo agradecer, o homenageado, em artigo de fundo d’*O Arrais* (n.º 268, de 5 de Maio), veio, “depois da festa”, dizer o seu obrigado, endereçando-o ao mais persistente obreiro dela, o Dr. José Maria de Carvalho. A terminar o seu agradecimento, o autor assevera: “Convalescente de achaques e emoções, tratarei de regressar à minha vida mental. Escrever, como diria o outro, é a minha sina.”

A sina de João de Araújo Correia, no ano de 1983, parece ser, porém, a de trocar o seu eremitério por casas de saúde. Em 3 de Setembro, quando visitava um doente, uma queda, de que resultou fractura do colo do fémur, levou-o a uma clínica do Porto, para uma intervenção cirúrgica. Esse acidente impôs à Associação Cultural do Alto Douro o adiamento da homenagem, prevista para 25 de Setembro, em Canelas, terra natal do escritor. Essa homenagem acabou por se realizar a 6 de Novembro. Na casa em que veio ao mundo o escritor, foi descerrada, *ad perpetuam rei memoriam*, uma lápide tão

singela como a festa. Aí representado por seu filho Camilo, que agradeceu em nome do pai, nem assim ele se considerou desobrigado de, por escrito e em folha local, exprimir a sua gratidão e a sua fidelidade às raízes: “Quem passar pela Casa da Fonte, em Canelas do Douro, ficará sabendo que nasceu ali, nessa modesta casa, um homem que serviu as Letras sem as envergonhar nem se envergonhar. Serviu-as com espírito da humanidade sem eiva de facciosismo. Serve-as ainda, através de qualquer cerração ideológica, sem ocultar o seu amor à liberdade e à fraternidade. Criado no amor à pátria portuguesa, nunca a renegou. Palpita esse amor nos seus escritos.”

Nesse mesmo ano de 1983, uma editora de Lisboa inicia, com o patrocínio do Instituto Português do Livro, a publicação das Obras Completas de João de Araújo Correia. Saem três títulos: *Sem Método*, *Contos Bárbaros* e *Três Meses de Inferno*.

No Festival de Cinema da Figueira da Foz, de 1984, exhibe-se o filme de Sá Caetano, *Azul, Azul* (já apresentado no ano anterior, em Biarritz), filme que se inspira no conto “Miguel” (vid. *Contos Bárbaros*).

A 25 de Janeiro de 1985, promovida pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa, outra homenagem a João de Araújo Correia teve por cenário o Palácio Foz. Consistiu ela numa exposição biobibliográfica e numa sessão, presidida pelo presidente da Assembleia da República, Dr. Fernando Amaral, em que João Bigotte Chorão leu a conferência intitulada: “Ao Encontro de João de Araújo Correia”. Falou também o Dr. José Augusto Seabra que, na sua qualidade de ministro da Educação, dera público louvor (ante a recusa do Dr. João de Araújo Correia em receber

a condecoração que lhe fora proposta) ao mestre e paladino do idioma. É o seguinte o louvor nesse mesmo dia publicado no *Diário da República*:

“Considerando os altos serviços prestados à causa da língua portuguesa como escritor e professor, pelo Dr. João Maria de Araújo Correia, cuja obra, de elevado quilate literário, mergulhando as suas raízes na região duriense e transmontana, exprime com espírito de universalidade os grandes valores nacionais e patrióticos, a começar pelo do idioma;

«Considerando que, num momento em que o Ministério da Educação está empenhado na revalorização do ensino da língua pátria, a personalidade e o labor deste grande português podem ser apontados como exemplo às jovens gerações:

“Louvo o Dr. João Maria de Araújo Correia pelo seu notável contributo para a preservação e enriquecimento da língua portuguesa, ao longo de uma vida inteiramente dedicada, através da escrita e do trabalho criador, à defesa da dignidade e da liberdade dos homens.”

Na sessão de homenagem, falou ainda, para agradecê-la, o filho de João de Araújo Correia, João Maria, que evocou o pai como homem e escritor que antes de mais se reclama de médico.

Pelo semanário *O Arraís* (7 de Março de 1985) temos notícia de que uma equipa de filmagens da RTP elabora um documentário, para ser apresentado também em televisões estrangeiras, sobre a região duriense — documentário inspirado em páginas do escritor do «país vinhateiro».

Em 11 de Dezembro de 1985, foi atribuído, pela primeira vez, o Prémio João de Araújo Correia, no valor de 50.000\$00, ao aluno da Escola Secundária da Régua

que, no 9.º ano, teve melhor aproveitamento na disciplina de Português, além de boa média geral. Na cerimónia da entrega do Prémio à aluna Carla Maria dos Santos Vasconcelos Pedroso, disse, em dado momento, o Dr. Camilo de Araújo Correia: “Estou certo de que todos gostariam de ver aqui o próprio João de Araújo Correia [...]. Mas, como a maioria dos presentes sabe e lamenta, a sua falta de saúde tem-se vindo a acentuar, não lhe sendo possível sair ainda do seu pequeno mundo de livros e papéis, em redor da cama e da poltrona.”

E nesse «pequeno mundo de livros e papéis», que João de Araújo Correia não quis abandonar nunca, é que a morte foi ao seu encontro, no último dia do ano de 1985. A 1 de Janeiro — faria então 87 anos — realizou-se o funeral de João de Araújo Correia para Canelas do Douro. Aí, na Igreja de Nossa Senhora das Candeias, foi rezada missa de corpo presente pelo P.º Dr. António Maria Cardoso, em representação do bispo de Vila Real. Na oração fúnebre, foi realçada a humanidade do médico que escreveu “uma como que epopeia de fraternidade e altruísmo”.

Nessa mesma noite, o 2.º Canal da RTP transmitiu, dos estúdios do Porto, um documentário sobre a vida, a obra e à paisagem física e humana de João de Araújo Correia. Também a Imprensa diária e não diária assinalou, com maior ou menor relevo, com maior ou menor acuidade, a morte de João de Araújo Correia. Por seu lado, a Assembleia da República exprimiu o seu pesar pelo desaparecimento de “um vulto eminente da cultura portuguesa e um dos mais notáveis artífices da língua portuguesa”. A sua morte “deixou empobrecidas as nossas letras e representa uma perda irreparável para

a região trasmontana, cujos valores e tradições inspiram toda a sua obra”. Assinale-se ainda a intervenção do deputado pelo Círculo de Vila Real, Daniel Bastos, para louvar “um dos escritores mais representativos da literatura portuguesa da actualidade” — intervenção que obteve o aplauso unânime do Parlamento.

Também por unanimidade, a Câmara Municipal do Peso da Régua (que, em sessão extraordinária, decretara luto durante dois dias, por morte de João de Araújo Correia) aprovou, em reunião de 3 de Junho, a proposta de dar o seu nome a uma rua da cidade. Enfim, a comissão organizadora das III Jornadas Camilianas de Vila Real incluiu no programa uma homenagem (26 de Julho) a João de Araújo Correia, descerrando, na sua casa da Régua, uma lápide evocativa do grande escritor camiliano.

O ESCRITOR ATRAVÉS DOS TEXTOS

OS FIGOS DE PAU

O Tio António Chapeleiro — assim chamado, porque a sogra, falecida havia muitos anos, fabricava de sua mão chapéus de palha centeia e os vendia nas feiras — era um velhote rijo e conservado como trave de castanho cortada em boa lua. Quando lhe gabavam a fortaleza de espantar em idade tão provectora — ia nos oitenta — sorria-se e afirmava todo ancho, batendo no peito sonoro: Isto é um pote de ferro! Sempre muito lavado, contra o costume da terra, sempre muito alegre, não obstante o padecer das cruces, com o asseio e o riso acicatava a língua trocista dos vizinhos imundos e sorumbáticos, pois diziam dele: Este diabo é uma rosa-de-jericó! Não no amavam, porque era limpo, nunca deixou crescer as barbas além de uma semana e também porque vivia demais consigo, a ponto de nunca entrar numa taberna. Defeitos graves... Tirante a missa aos domingos, passava o tempo numa propriedade arredia do povo — um migalho, que conseguira comprar à força de economias. Nesse prédio rústico, o seu Pariço, era morto e vivo a moirejar. Ia para lá de noite e regressava de noite. Nem era de admirar que tal acontecesse, porque o prédio era muito bonito. Constava de uma beirada de horta à margem dum ribeiro, quatro palmos de terra de sementeira, um calço de vinha velha, um rosário de oliveiras em redor e umas fruteiras bem cuidadas donde aonde. Era uma quintinha em ponto pequeno, quintinha que o António Chapeleiro adorava, tanto mais que ninguém lhe punha dedo em questão de granjeios senão ele. O seu Pariço era mais do que a luz dos seus olhos azuis. Estrumava-o, cavava-o, podava-lhe as vides e as árvores.

Nas tardes de Verão, ao encaminhar as águas do ribeiro para os seus legumes, extasiava-se de todo, vendo encabeçar o cebolinho, engrandecer os feijões e rebentar de gordas as abóboras. O seu Pariço era o seu Paraíso. Sabia-se que nem flores ali faltavam. Num recanto da horta, ressuscitava em cada Estio uma dália, que um neto do velho ali plantara, como criança, às escondidas do avô.

Esse rapaz estava no Brasil. Quando as dalias abriam, era como se estivesse presente. Chamava-se Constâncio e poucas vezes escrevia ao avô. As dalias é que todos os anos o vinham recordar.

Com uma propriedade assim e arnazes de puro aço, considerava-se feliz o Tio António Chapeleiro. Mas... e os ladrões? Como a propriedade ficava arredia do povo, mal apontavam os renovos, aí principiava a consumição do velho. Desde a vagem tenra à pêra-joaquina, desde o melão apimentado ao moscatel de Jesus, roubavam-lhe quanto o seu lidar do ano havia agenciado. A contar de Maio, que é o tempo das cerejas, o velho não dormia sossegado. Podia lá ser! Os ladrões eram mais que as moscas e filhos de muita mãe. Uns com manha, outros até com arreganho, levavam-lhe a fruta a eito. Se não fosse tão grande desaforo, o velho era feliz. Principalmente depois que recebeu carta do Brasil. Dava-lhe parte o neto de que o avô, quando mal se precatasse, o teria nos braços.

Notícia assim ia dando com o velho em doido. O rapaz não tinha pai nem mãe. Apesar de lhe escrever poucas vezes, estimava de raiz o avô, que o criara. Até lhe chamava pai. Dizia na carta: “meu pai, veja se me guarda os figos, que não tarda um mês que eu aí não esteja a comê-los ao pé de vossemecê?”.

Os figos! Como o rapaz se lembrava deles, coitadinho! Eram os chamados *figos de pau*, bastante apreciados, apesar de duros, porque vêm numa época em que não há outros. Vêm entre os lampos e os vindimos. Dessa qualidade, tinha o velho uma figueira de respeito no bico da sua horta. Dava muitos e enormes — como úberes. Toda a gente os cobiçava, principalmente os larápios. Belos figos... Como o rapazinho se lembrava deles!

Devia estar um homem o Constâncio. Já viria sôbolo mar? O velho não pensava senão em o ver, ir com ele à missa, fazer estoirar de inveja os vizinhos, à conta de um terno de linho branco e de meia dúzia de patacos que o rapaz trouxesse. Quanto aos figos, ele os guardaria...

Era no Verão, fim de Julho. O velho, para guardar os figos, passava as noites no prédio. Por via do relento da noite e a fim de se esconder, construía uma cabana de roço e de giestas. Aí se

encafuava, não para dormir, senão para velar. Era raro passar pelo sono. Se isso acontecia, acordava sobressaltado. É que uns mariolas o haviam prevenido, cara a cara, para o arrelhar, de que lhe haviam de roubar os figos nas suas próprias ventas. Capazes disso eram... Não lhe haviam feito o mesmo, poucos dias antes, à ameixoeirinha da cancela, testa a vergar, enquanto dormitou à hora do calor? Capazes de tudo... aqueles filhos de mil sacas de mães. Que, desta feita, estava resolvido. Não haviam de fazer pouco do velho. Não arredaria pé do que era seu. Guardaria a figueira noite e dia como um cão. Viessem para ele! Tinha ainda um sacho e boas mãos para o brandir. Viessem para ele! Apesar de velho, saberiam quem era o Tio Chapeleiro. Provar-lhe-iam os pulsos de uma cana, afeitos a cavar, a redrar e a rachar lenha. Estava daquela idade. Não tinha filho nem filha. O neto estava criado. A mulher que Deus lhe dera estava a contas havia um ror de anos. Coitada! Nunca mexera uma palha, nem para ajudar a mãe na arte dos chapéus. Ele contudo fora sempre um mártir de trabalho. Era o António Chapeleiro — estava dito. Por ter as barbas ruças haviam de lhe escarrar no rosto? Nem cem, nem mil, ainda que viesse o povo todo armado contra ele para lhe roubar o que se diz um figo. Trazia-os contados. Enquanto não chegasse o brasileiro, ninguém, nem ele, que era o dono, seria senhor de provar um para dizer: ano melhorano. Haviam de ser todos para o fole do Constâncio, pois dizem que os brasileiros estão ougados, mortos por chegar às terras para se consolarem com os nossos comestíveis, que dizem que os não há melhores em todo o mundo. E então o seu Constâncio, que gostava tanto de figos! Come, rapaz! Bota pra baixo! Era o que ele lhe dizia quando o tinha em pequenino de riba dos joelhos, com a mãe e o pai ainda quentes, lá em cima, no cemitério. O velho não comia nem dormia. Andava trémulo. Tinha envelhecido dez anos em meia dúzia de dias. Havia, calculem, despedido o mestre Francisco Barbeiro, que lhe apareceu na vinha com muito bons modos e já com a tesoura aberta para lhe aparar as barbas. Deixa, Francisco! Assim que chegar o meu brasileiro, lá irei a mais ele. Sempre te dará com que botes uma gravata nova, que essa já está como a rodilha do unto.

Que lindo luar e que macio tempo! O mês de Julho é ardoroso, mas, ali, no coração da horta, por mercê da frescura do ribeiro, as noites eram amenas. Que bem que ali cantavam as aves! Era um regalo ouvi-las. Assim como era quezimento ouvir de espaço a espaço o pio do noitibó.

Lá vinha um sapo, direito ao velho, aos pinchos! Deixa-te andar. Diz mestre régio que são benfazejos... os sapos, que se não devem matar. Sape! Que feio bicho! As mãos parecem de homem, salvo seja! Oh! Como cantam nos ralos... É que esteve hoje um dia... Mais uma semana de ressa e há pintor. Quem vem aí? Ninguém... Toca a recolher-me à casota...

O velho levou as mãos à calva, pôs-se a bocejar e daí a nada adormeceu. Como ressonasse alto de mais, acordou com o barulho. Pegou o sacho e saiu da cabana. Foi direito à figueira. Que espantalho é aquele? Um magricela desconhecido estava espedado junto à árvore a mirar os figos.

— Espera, ladrão! — disse o velho com uma voz metálica.

Com o crânio ferido pelo sacho, o magricela caiu redondo ao chão. Debruçou-se o velho para o reconhecer. Apenas encara nele, dá um salto e desata a fugir, com as mãos na calva, pela noite dentro. De guarda ao cadáver, apenas ficou a lua condoída, lambendo-o todo e fazendo-lhe cintilar no peito uma corrente de ouro — a corrente do brasileiro.

[*Contos Bárbaros*]

A MEDALHA

Descia a Rua da Picota pelo entardecer. Curvava-se em profunda vénia ao Santo Passo, negro buraco habitado por Jesus, furava através do povo lento que recolhia ao lar, e lá ia, pelo largo da fonte adiante, direito ao seu quartel.

Fora soldado. Livre da mochila, veio a ser com os anos o *planeta* do sítio. Planeta quer dizer astrónomo. Antes de entrar em casa, olhava os quatro cantos do céu. Varria-o como quem varre uma sala. Punha a lingueta de fora, piscava um olho. Analisava o cosmos como qualquer sábio antes de se deitar.

Nem só a paixão dos astros lhe nutria o coração. Depois de ceia, comida só e sempre magra, recordava os tempos idos. A vida na tropa, ali, diante da lareira acesa, revivia-a toda. Lembravam-lhe as grandes jornadas, feitas a pé, marche-que-marche, em estradas sem fim. Lembravam-lhe, cara por cara, quantas moçoilas se haviam apaixonado por ele e pela sua farda azul. Lembravam-lhe os dias de parada, em que estivera quedo, à torreira do sol, horas e horas, sem pestanejar. Lembravam-lhe os episódios cómicos, e todas as noites reventava a rir diante do brasido. Uma vez, estando de sentinela à

porta de armas, viu aproximar-se da guarita um capitão. Olá! Vens de capote? Já sabes que não entras. A ordem que tenho é não deixar entrar cá dentro ninguém de capote, ainda que seja o rei. Faça alto, meu capitão! Saiba Vossa Senhoria que não pode entrar. Está doente? Ora! Tanto se me dá que esteja doente como são. De capote é que não entra. E não entrou! O homem a remeter, e eu, zás! Furei-lhe a cara com a baioneta. Prestei-lhe um grande serviço, porque o homem trazia um tumor na face a pedir furo. Espirrou matéria, que enchia uma panela. E não tive castigo! Fui até louvado. Aquilo é que eram tempos!

Tinha saudades. Cinco anos de correias, nenhuma brincadeira. Outrora, a disciplina era de ferro. Ele, contudo, criara amor ao dever. Para o certificar, bastaria a medalha. Abria a arca de pinho. Numa saquita surrada, cujo atilho ele desatava, tremendo, ela lá estava, a bom recado, para se não estragar. Linda como uma jóia! Nem uma estrela o comovia tanto. Palpava-a, soprava-lhe como a um veludo e beijava-a quando já as lágrimas lhe regavam o bigode crespo.

Todas as noites se repetia a cena melancólica. Assim caducou o velho militar... Também, no baú que tinha sobre o dorso, pesava a poeira dos oitenta anos. Como candeia que se apaga, foi morrendo a pouco e pouco. Ninguém lhe cerrou os olhos. Veio um primo apoderar-se-lhe do espólio. Ao remexer com gula a podre arca de pinho, deu tento da medalha. Virou-se a um pequenito e disse: Manel, toma pra brincares.

Ainda o acompanhamento tilintava ao longe. Na tarde cinzenta, ao meio da rua, brincava a canalha suja. A pequena rodela acendeu um fogacho nas almas infantis. Breve se apagou. Vinha a descer a noite. Na lama da rua, distante do dono, sepultava-se também, já esquecida, a medalha.

[*Contos Bárbaros*]

EXEMPLOS DE INSENSIBILIDADE

Os sucessos, as cenas, os olhares, os sorrisos, as ninharias cómicas ou trágicas observadas por mim no decorrer de quase vinte anos de pulso livre, dariam em escritura, sem composição ou artifício, um livro que tivesse a profundez, o arrojo e a amplitude do mar, sem detrimento da cambiância e da frivolidade de vagas que brincam com a areia. Esse livro... nunca o escreverei, porque sou médico. É pedra que cai a um poço a substância do rosto e das

lágrimas colhidas no trato clínico, porque o médico é obrigado a erguer altares à discrição — como queria Carlyle. Ainda que tenha alma de romancista, ficará inédito o seu melhor romance. Eu, no entanto, sem quebra da rigidez sigilar a que me voto por obrigação e devoção, resolvo arrancar do meu livro de memórias mental dois ou três passos para vos entreter.

Começemos pela morte de José Francisco. Façamos de conta que se chamava assim e era sapateiro. À mulher, cara parada, daremos o nome de Francisca Rosa.

O Mestre estava a morrer, mas, de vez em quando, chamava a consorte e recomendava-lhe a obra dos fregueses.

— Olha se entregas aqueles sapatos do senhor Antoninho. O oficial que se avie, porque o senhor Antoninho precisa muito deles. O Casco deve-me cinco mil réis. Vê se lhos pedes...

A cada uma das recomendações do moribundo, respondia a mulher:

— Morre descansado.

O homem ia morrendo, mas, não se esquecia de chamar a mulher para lhe lembrar o expediente da oficina.

O Mestre morria durante a noite com um vagar menos célere do que o avanço das horas. Para a madrugada, chamou a mulher e disse:

— Vai-te agora embora, que quero morrer.

A mulher retirou-se para um corredor, mas, de vez em quando, vinha à porta do quarto vigiar o andamento da morte. Olhava para a cama onde o homem arfava e sumia-se outra vez no corredor sem proferir palavra. Mas, se surpreendia intercadência na dispneia do homem, logo lhe perguntava:

— Já morreste, Francisco?

Ele respondia:

— Ainda não.

A morte, fenómeno tremendo em tantos lares, foi em casa daquele sapateiro acto mais singelo do que, num bosque, a queda duma folha. Singeleza assim não comove. Arripia. A morte, em meios imbecis, é o que foi a vida: um quadro baço, quieto, sem frémito de asa, sem gota de água, sem nada.

Nunca vi cara mais alegre do que a de outro Francisco no dia em que lhe morreu o pai. Veio pedir-me a certidão de óbito como se viesse buscar a sorte grande. Era Inverno. A graça que ele achava à ceifa dos velinhos feita pelo frio!

— Ó Senhor Doutor, se isto assim continua, não fica aí velho para contar uma história. O meu pai deitou-se *bô* e amanheceu mais

teso que um pinheiro. Eu já disse à minha sogra: vossemecê vá-se preparando...

[*Depoimento de João Semana sobre
a Vida Clínica de Aldeia*]

A MINHA MONTANHA

A minha montanha é a que fica em frente do meu terraço. É a que vejo e me vê nas minhas horas vagas. Quando não passeio, é defronte dela que gozo o tempo disponível. Leio, escrevo e medito aqui, no meu terraço, quando o calor me não torra ou o frio me não inteirica. O clima da minha terra é extremista.

Do meu terraço, avisto agora a minha montanha tapeçada de vinha, salpicada de cal faiscante nas casas e toucada de matas e a todo o correr da cumeada. Filha do Marão, a minha montanha não tem nome no Gotha montanhês. Sei que a ocupam três freguesias, mas não sei que nome lhe dá o natural ignaro ou o turista culto. Eu chamo-lhe o monte de Loureiro, porque, das três freguesias, Loureiro é a culminante. Godim fica-lhe aos pés. Fontelas dá-lhe pela cinta. Loureiro é a cabeça da minha montanha.

Não quero descrever, nem sequer recordar, a vista panorâmica abrangida do alto de Loureiro. É maravilhosa, porque, em sua amplitude, abarca uma série de relevos de todos os feitios e revestimentos. Dali se vê o rio Douro chegar à Régua e demorar-se junto dela, espriando-se em airosa curva. A vila, apreciada daquele alto, semelha uma ave gigante abatida no pendor de uma colina, com as asas abertas e o pescoço cortado próximo da água. Há quem a compare ao avião prestes a despenhar-se no rio. Outros dizem que é um H. Ramalho Ortigão, nas *Farpas*, diz que é um H.

Não é porém ao panorama desfrutado do cimo de Loureiro que me quero referir. É à face da minha montanha voltada para mim como testemunha da minha solidão durante o meu lazer. É a essa face, a esse ventre, a esses flancos vistos e revistos a luzes várias como fachada fronteira à prisão por preso observador; é a essa muralha verde, imposta à minha vista para seu descanso, que hoje dedico meia dúzia de linhas.

À parte cemitérios e caminhos, não há na minha montanha decímetro de terra que não conte cepa. Em cada um destes corpos torcidos, passou a mão do homem, plantando, podando, cavando e vindimando. Todavia, de tão gloriosa tarefa, não há elogio senão o

das folhas que vestem o corpo da minha montanha. Esse rico pálio apregoa o labor de mãos calosas. Se não fossem elas, a minha montanha andaria com a cútis negra à mostra. Falemos porém do rico pálio sem nos importarmos agora de quem o tece e de quem o tinge. Digamos que é um tecido cambiante de dia para dia e de semana a semana. Do verde primaveril à púrpura outonal, a escala de tons, a mutação de cores, é uma sinfonia de prelúdio tímido e fim heróico. Morre embriagada de vermelho e oiro.

A água que o Peso bebe vem dali, de entre aquele pinheiral espesso e aquela vinha, roubada ao pinheiral. Nasce naquele ponto húmido e azulino, já de serra, e vem por aí abaixo, metida em canos, até aos depósitos camarários da parte alta da Régua — o Peso. Chama-se Moirinho o sítio em que a água nasce.

Naquela casa quadrangular, caiada, vista de esquina, viveu o Heitorzinho, célebre penitente que o conceito popular santificou. Visitam-lhe ainda a campa algumas almas simples, ávidas de refrigério. A história do Heitorzinho é um conto camiliano verídico. A uma paixão humana seguiu-se uma vida de mortificação depurativa. A minha montanha precisou deste *santo* para se romantizar camilianamente.

Aquela linha de casas, à esquerda de Loureiro, será Fontelas de Cima? Foi ali que morreu, com o coração cansado, o gentil-homem António Borges, rico vinicultor habituado a tratar ingleses. A semelhante comércio e à natural gentileza devia o ar de lorde. Caminhava com aprumo e falava com afabilidade. Esta compostura só tremia se se desse o caso de alguém beber ao pé de si com pressa um cálice de porto. Entendia, como quem tem gosto, que o vinho fino deve ser bebido com finura, gota a gota.

Fontelas de Baixo não se vê daqui. Fica oculta pela ponta meridional da minha montanha. Em Fontelas de Baixo, na Casa da Portela, morou anos e anos o Dr. Mesquita — sócia de Eça de Queirós, tirante o monóculo. O dente a espreitar debaixo do bigode, a ruga funda, o olho encovado, a risca, a madeixa — tudo do Eça.

Dizia-lhe meu pai:

— Ó doutor, você é o Eça de Queirós pintado. Ponha-se de perfil. Assim... Você é o Eça de Queirós.

Este Eça de Queirós foi clínico. Percorreu a cavalo, de casa em casa, sem comer nem dormir, a minha montanha. Acompanhava-o um criado, que se vingava dos jejuns patronais, bebendo vinho por si e pelo amo. Ressequido, o Dr. Mesquita morreu no posto esculápico. S. Pedro abriu-lhe as portas de par em par, pois que, embora o

médico se zangasse amiúde com a estupidez humana, jamais deixou de ser solícito com ela. Morreu pobre, mas teve enterro rico. Acompanharam-no à cova milhares de pessoas, cuja vida tinha amparado.

Abaixo das freguesias de Loureiro e Fontelas, fica Godim, que é, como se vê daqui, um mar de vinho. No sopé da montanha, desce de norte a sul, abarrotado de tudo quanto lhe plantem, o Vale de Jugeiro ou Vale do Rodo. Produzia este vale pêssegos divinos. Ainda hoje os produziria se o lavrador não preferisse a todas as culturas a cultura da vinha.

O casario da minha montanha é branco de cal, brilha entre o verde dos fartos vinhedos, mas, à excepção de alguns prédios antigos, não tem graça nenhuma. Cada casa, com o seu telhadinho de duas águas, seu janelo no ângulo e porta ao rés da terra, é sensoria que raia por tristeza. Não se lhe vê varanda, não se lhe vê alpendre, não se lhe vê cornija, não se lhe vê nada que diga poesia. É preciso que um arquitecto atilado descubra o risco próprio para se contruírem as casas da minha montanha. As que há, tirante as de traça setecentista, devem ser demolidas.

A minha montanha, vista do meu terraço, não é demasiado bela. É porém, em minhas horas de pasmo, a mancha verde que me não sai dos olhos. Quero-lhe por isso ou a abomino por isso. Exposta a nascente, com os primeiros raios, enche-se de gumes, saliências de cristal. Na luz jorrante do dia, torna-se indistinta, como se a ensaboasse uma babugem. Pelo entardecer é que é linda... Suave, suave, suave como mulher cansada. À noite, morre, é uma catacumba mal alumiada de espaçadas lâmpadas. Hora propícia para se povoar de espectros. Hora em que o Heitorzinho, o António Borges e o Dr. Mesquita, almas sem pena, deambulam a espaiar.

[Três Meses de Inferno]

BELEZAS DO INVERNO

Fecho os olhos para tornar a ver as grandes geadas da minha infância.

Em noites límpidas, frias, iluminadas de estrelas, diziam entre si os meus vizinhos: está a gear. Vamos ter uma boa camada de geada.

No dia seguinte, ao amanhecer, a terra cintilava. Todo o seu negrume se desfazia em aljofre cristalino. Cobria o meu pequeno mundo uma renda de fios tão subtis, que se não viam de nóculo a

nódulo. As encostas e os sopés, as leivas marasmadas pela invernice, as ervas que rompiam à beira dos caminhos, os tapetes de vegetação rasteira, estendidos ao abrigo das matas; as relheiras do carro de bois celta, o estrume, uma albarda ou uma sela esquecida num quinteiro; a cobertura do cabanal e o telhado de casas e igrejas, tudo se paramentava, com aquela mantilha branca, para receber festivamente o primeiro sol. Mal empregado, que o sol, cheio de mimo, tanto o afagava como desfazia. Dava-lhe, no entanto, um raio de glória.

Sítios avessos, sombrios, mantinham nos seus estojos aquela maravilha. Aí, mais do que em pontos claros, a terra endurecia. Pisada por tamancos, botas ou sapatos, cantava como um sino.

Oh! A geada! Não desfigurava nem transfigurava o mundo da minha infância. Adornava-o com aquele polvilho de confeitiro dotado de mão larga, meticulosa e equitativa.

— Bela é a neve, dirão os que me lerem.

Pois, sim, mas, despenha-se de céu indeciso, fusco, desconfiado. Tomba com pés de lã no chão mal prevenido. Parece que o acorda no primeiro sono.

A neve é sorrateira. Deslumbra todas as pupilas, mas, inquieta a maior parte das almas. Cai entre silêncios tão absolutos, que só o da morte ou o do caos lhe dará de rosto. Faz da terra um sepulcro ou um regresso à primitiva luz. Cala-se e obriga a calar-se o mundo que sepulta. Mas, se o homem alguma vez sonhou modificar o seu ninho com um grande sonho, foi a neve que lho realizou. A terra, ninho do homem, deixou de ser terra depois de uma nevada. É, para além do súbito abalo, um país ideal. É o reino da brancura.

A neve! É um mistério. Sabe-se tudo. Até se inventou uma escada de corda para ir à lua. Mas, ninguém sabe como se forma a neve. A neve é um mistério.

— Belo é o sincelo, dirá quem o conhece.

Concordo, que também eu o conheço. Em dias de névoa, se a névoa congelou, prende-se dos ramos do beiral dos telhados e dos arames de estender a roupa. Carregam com ele as oliveiras, como pobres sequiosas de mais prata. Faz do bosque palácio fantástico, mais rico do que todos os palácios em lustres de mil velas. Mas, antes que os museus o agarrem ou os antiquários se matem para o comprar, já o sol, lançando-lhe eleias, o escangalhou para provar que é efêmero o maravilhoso. Vai, por essas espessuras, um tilintar de vidros quebrados numa orgia — mal comparado.

É pena que o sincelo não seja natural de Lisboa. Se fosse alfacinha, outro galo lhe cantara. Figuraria nos dicionários como termo urbano. Receberia honras de *givre* — cidadão francês.

Pobre sincelo! Quando figura nos dicionários, é por esmola. Deitam-lhe de comer na cozinha depois de lhe espetarem nas costas, com um alfinete, a etiqueta *provincianismo*. Que nome de corte dará Lisboa ao sincelo? Festa feérica, arraial diurno, prodígio de luz em milhões de vidrilhos, é pena que se perca em árvores de aldeia.

— E a chuva? Não tem também sua beleza a chuva?

Faz-me esta pergunta uma senhora do Porto, casada na província e saudosa do Porto. Só em dias de chuva se sente bem, porque só a chuva percebe a sua melancolia. Veste-a como luva.

A pobre senhora, em dias de grande sol, sente-se mal como se lhe vestisse uma blusa vermelha. Prova que o arco-íris não é indiferente ao sentimento. Com a chuva, sem sair de casa, visita o Porto como se conversasse com ele, em traje próprio, no Prado do Repouso.

Com a chuva nos aproximamos da mais inebriante magia do Inverno. Quero dizer que nos aproximamos do lume — esse feitiço que só apoquentá os adoradores do lucro imediato.

O lume é o homem desde a hora em que o prendeu junto da caverna. Quando lhe falta, falta-lhe alguma coisa... Deixou de cozinhar com lenha, mas, vai instalando, no melhor canto da casa, uma pedra em que acenda o lume. Só assim se completa. Quer, sem saber bem o que quer, que o seu domicílio continue a ser *fogo*. Quer que o fumo lhe saia do telhado. Se assim não for, renunciou ao lar.

A televisão apoderou-se das almas, porque tem o seu quê de lareira. Atrai mulheres e crianças. Atrai homens pacíficos. Naquele fluido, como em ondas de chama, nadam sonhos. Vidro fosco aceso, lareira acesa, cavalgada de imagens, moinho e remoinho de devaneios como praganas ao vento.

Junto do lume, sucede a paz à inquietação. Lutas, ansiedades, tudo o que foi bravio se fundiu na labareda. Sem essa diástole, povoada de quimeras, o homem adocece. Morre atrapalhado, sem saber o que lhe falta para morrer sem pena. Junto do lume, o próprio desencanto, confessado por nós ou ouvido por nós, tem seu encanto.

4-2-67

[*Ecos do País*]

CATURRICES DE LEIGO

SEM DICIONÁRIO

por: *Constância de Carvalho* (1)

Não posso escrever meia dúzia de linhas sem ter à mão um bom dicionário. Faz-me companhia o Torrinha, mas, aonde não chega o Torrinha, penso que chegará o Morais, o Aulete, o Fontinha ou o Bivar. Acordo-os, para me servirem, recorrendo à minha prateleira dos dicionários.

Não vou tão longe como o defunto Duhamel, escritor e médico francês, que adorava de joelhos o dicionário. É modo de dizer que o trazia ao pescoço como um bentinho. Cada aposento de sua casa era um oratório do «Petit Larousse». Tinha-o, suponho eu, tanto na cozinha como no quarto de banho.

Não vou tão longe como Duhamel. Amo, no entanto, o dicionário por três motivos — cada qual mais poderoso. Dicionário aberto, para o meu gosto, é um romance aberto. Cada palavra me sugere um mundo, me excita a imaginação a ponto de me levar para fora de mim — o que é sadio quando me preocupo com algum pensar importuno. O dicionário, se não for anacrónico, também me ensina a escrever com ortografia limpa. Ensina-me a mudar de camisa ao escrever, substituindo por camisa imaculada a enodada. Sobretudo, o que mais me prende ao dicionário é a minha honradez, que se perderia se eu trocasse o nome aos bois, isto é, se eu não fosse fiel ao uso próprio de cada termo. O dicionário obriga-me a respeitar os significados. Apenas me permite, uma vez por outra, enriquecer o rol das acepções ou o rol dos vocábulos com algum termo vivo — colhido na lição oral.

Hoje, que toda a gente escreve nos jornais, como é que escreve? Escreve sem dicionário. Não tem ortografia e dá a cada palavra o sentido que lhe ocorre — sem curar de saber se é sentido próprio. Escreve «perconceito» e chama «esquálido» a um amigo que se lava em três águas todas as manhãs.

Como a «pornografia» é hoje moda, todos a respeitam e ninguém a respeita. Há quem escreva «pernografia», «prenografia», «pronografia» e até «espernografia». Há quem imite na escrita a hediondez do impudor.

Se a nossa língua, regressando ao culto de quem a escreveu bem, vier a regenerar-se no século XXI, dirá de si própria: muito mal me trataram no século passado. Não sei como escapei da morte.

Há quem desculpe e até louve o actual desregramento, dizendo que o povo é que faz as línguas. Sim, o povo é que faz as línguas... Mas, quem as desfaz é a canalha.

[in *A Voz da Figueira*, 15.7.1976]

(!) Pseudónimo de João de Araújo Correia.

HOJE, DIA DE CAMÕES

Hoje, dia de Camões, não posso deixar de lhe escrever sobre a língua portuguesa. Cumpro esse dever como se cumprisse um voto religioso.

Sou bastante lido em Gonçalves Viana e demais filólogos. Mas, em nenhum deles se me deparou a observação que lhe vou referir. Penso que é só minha ou coincidente com outros reparos, que me passaram despercebidos.

A língua portuguesa, importada em África, nunca se desviou do cânone vernáculo. Português estabelecido em Angola ou Moçambique nunca deixou de falar e escrever o idioma europeu, nascido e criado em Portugal velho. Nunca se deixou contaminar por nenhuma espécie de dialecto negro. Nunca deixou emagrecer a fala materna a ponto de a reduzir a verbo e pouco mais.

É objecto esta imunidade da nossa língua em terras negras. É objecto dos objectos, fenómeno que registo sem o compreender, que tal imunidade se tenha perdido em terras brasileiras — apenas engrandecidas por importação de escravos angolanos. O lusíada, em África, falou sempre branco. Se vai ao Brasil, é raro que não perca o carácter, porque desata a falar como se espetasse na glote puas de pau preto.

Rendo o meu preto a grandes brasileiros, que tentaram e ainda tentam escrever português parecido com o de Camões. No entanto, o comum dos brasileiros só merece o meu amuo. Mais o merecem, na sua maioria, os portugueses que trabalham e enriquecem no Brasil. Tanto enriquecem, acumulando cruzeiros, como empobrecem no modo de falar e escrever.

Desgraça das desgraças é que são agora imitados, entre nós, por faladores e escrevedores, que nunca puseram as patas no Brasil. É

ver como os escribas, à mesa das redacções, reduzem a *negrinho* quanto escrevem. Noticiam que *menino cai e quebra osso*.

Muito perdeu a língua portuguesa, retirando-se da África. Muito perde também, deixando de ler Camilo para ler *Seu Juca*.

E, a propósito de Camilo... Muito estimo que tenha lido, em primeira edição, a *Queda de Um Anjo*. É um dos altos cimos da produção camiliana. [...].

[*Carta inédita* — 10.6.1977]

MAIS UMA VEZ

Venho, mais uma vez, deplorar o desaparecimento dos bichos encantadores — desde os passarinhos até aos grilos e pirilampos.

Sou do tempo em que uma noite de aldeia, nos meses primaveris, era uma noite divina. Cantava-a, de modo que me entontecia, o rouxinol.

Hoje, na quadra em que as flores desabrocham ou se recusam a desabrochar, cada noite de aldeia deixou de ser divina para ser muda e triste como sepultura.

Sou do tempo em que o melro, empoleirado em árvore de quintal, cantava matinas e vésperas com assobios religiosos.

E a cotovia? Subia ao céu, à procura do sol, em cada madrugada, como se o quisesse acordar com uma canção cristalina.

Os demais pássaros cumpriam também a obrigação, executando a sua solfa com o brio de componentes conscienciosos.

Hoje, não sei porquê ou sei demais porquê, não há pássaros nocturnos nem diurnos. Desapareceram das cercanias do meu tugúrio. Para onde foram é que não sei... Apenas posso jurar que desapareceram. Se dou o meu passeio, nos belos arredores da minha toca, não lobrigo um bico, não enxergo uma pena. Gora-se o meu passeio como se fosse passeio a um mundo morto.

Rãs, que coaxavam nos charcos, à beira de rios e ribeiros, parece que se suicidaram.

Os grilos, que faziam cantar as ervas dos caminhos, emudeceram. E os pirilampos? Milagres nocturnos, polarizações de amorosa luz, em cada relva, quem foi que os apagou?

Mochos, que se levantavam de noite, nas estradas, à frente dos automóveis, para onde foram? Alguém os matou, mas, o que se deplora é que tenham desaparecido.

Atrás de quantos bichos havia, cantores da criação à sua maneira, até as plantas silvestres se sumiram. Já não há flores do campo, quanto mais campo de flores? Poeta que surja, amigo da beleza natural, não terá nome que dê aos seus poemas.

Parece que só eu choro o entardecer da natureza, o seu próximo trespasse. O homem, coroadado de pámpanos, é hoje uma espécie de Noé numa arca vazia. Sente-se feliz, sonhando com o vinho que colheu e o que vai colher. É o que sucede nas redondezas do meu albergue.

[in *O Arraiz*, 13.5.1982]

ERA UMA VEZ A VIRTUDE

Sempre tentei a educação de mim próprio, lendo os melhores moralistas da antiguidade e da modernidade. Platão, Marco Aurélio, Spinoza, Emerson e Carlyle ainda hoje os leio. Tenho-os na conta de amigos.

Ainda esta noite combati a insónia sem tomar soporíferos.

Desencadeei sonhos azuis, lendo as mais belas utopias optimistas de actual autor americano. Bom homem! Ainda crê em milagres da não violência. É devoto de Tolstoi e de Gandhi, hoje descritos como se fossem grandes inimigos da humanidade.

Imagine-se como fiquei desapontado quando, há muitos anos, em Lisboa, um homem inteligente escarneceu do meu apego a princípios éticos.

— Tudo isso é falso, criatura! Já se não usa a moralidade por ser falsidade.

Como fiquei varado, não disse chus nem bus ao pregador da imoralidade ou amoralidade.

Não me surpreendeu, depois, que certo Conselheiro aconselhasse aos amigos, como dose única, cinco réis de princípios. Nem mais nem menos que essa dose homeopática.

Porque me fui habituando a tais opiniões, não estranhei que um belo jornalista nunca perdesse a ocasião de gabar a falta de princípios — nem sequer em dose homeopática. Tipo curioso...

Quando morreu, disse muita gente: era mau como as cobras e falso como Judas.

Mas, deixou semente. Não falta por aí quem seja falso e truculento. Lê pela cartilha de quem defende o mal, dizendo que o defende por amor ao bem.

No topo das qualidades morais, punha Herculano a lealdade. No entanto, homens leais podem hoje contar-se pelos dedos. É possível que o leitor espere até o fim da vida cartas e cartas que poderiam ilibar de desonra quem as escreveu. Nunca as receberá.

Homem Cristo, poucos anos antes de morrer, pregou o regresso à virtude como tábua de salvação nacional. Penso que morreu antes de salvar a pátria do banditismo político.

Hoje, que tanto se mata, rouba e tripudia impunemente, por esse mundo fora, seria preciso, em cada país, quem pregasse à humanidade o regresso à virtude.

Seja a virtude uma fantasia, uma patetice, uma credice de gente simplória. Seja o que for... Ou se adopta como remédio e preventivo do actual esfacelo do mundo ou o mundo deixa de existir.

[in *O Arrais*, 8.3.1984]

BIBLIOGRAFIA

I — OBRAS DE JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

1. Livros, opúsculos, separatas e antologias

- Linguagem Médica Popular Usada no Alto Douro* — Peso da Régua, 1936 (separata, de que se fez uma 2.^a ed. — Porto, 1975)
- Sem Método* (Notas Sertanejas) — Peso da Régua, 1938, (2.^a ed., Lisboa, 1983)
- Contos Bárbaros* — Peso da Régua, 1939 (2.^a ed., *ibid.*, 1968; 3.^a ed., Lisboa, 1972; 4.^a ed., *ibid.*, 1983)
- Contos Durienses* — Peso da Régua, 1941 (2.^a ed., *ibid.*, 1970)
- Terra Ingrata* (Contos e Novelas) — Lisboa, 1946 (2.^a ed., Peso da Régua, 1972; 3.^a ed., Lisboa, 1985)
- Três Meses de Inferno* (Miscelânea) — Lisboa, 1947 (2.^a ed., *ibid.*, 1983)
- Água do Tedo* (Notas Clínicas) — Peso da Régua, 1948
- Cinza do Lar* (Contos) — Peso da Régua, 1951 (2.^a ed., *ibid.*, 1970)
- Ricardo Jorge, o Portuense* (Conferência) — Porto, 1951
- Casa Paterna* (Novela) — Peso da Régua, 1951
- Por Amor da Nossa Fala* (Notas Sobre Pronúncia) — Peso da Régua, 1952
- Por Amor da Verdade* (Auto de Desagravo) — Peso da Régua, 1952
- História Clínica da Água do Tedo* — Lisboa, 1954
- O Vale do Tedo e a Água Minero-Medicinal do Tedo* — Porto, 1954
- Caminho de Consortes* (Contos) — Peso da Régua, 1954 (2.^a ed., *ibid.*, 1971)
- Cartas da Montanha* — Peso da Régua, 1955

Bosquejo Hidrológico do Concelho do Peso da Régua — Lisboa, 1957
O Elemento Água na Sabedoria Popular (Conferência) — Lisboa, 1957
Há Sal na Régua (Conferência) — Ovar, 1958
Folhas de Xisto (Contos) — Peso da Régua, 1959 (2.^a ed., Lisboa, 1959)
Os Melhores Contos de João de Araújo Correia (Antologia) — Lisboa, 1960
Perfil Trasmontano de Trindade Coelho (Conferência) — Lisboa, 1961
Manta de Farrapos (Crónicas Dispersas) — Peso da Régua, 1962
Montes Pintados (Crónicas Dispersas) — Lisboa, 1964
Passos Perdidos (Crónicas Dispersas) — Lisboa, 1967
Horas Mortas (Crónicas Dispersas) — Peso da Régua, 1968
Depoimento de João Semana Sobre a Vida Clínica de Aldeia — Porto, 1968
Ecos do País (Crónicas Dispersas) — Peso da Régua, 1969
Enfermaria do Idioma — Peso da Régua, 1971
Palavras Fora da Boca (Miscelânea Oratória) — Peso da Régua, 1972
Uma Sombra Picada das Bexigas (Notas Camilianas) — Porto, 1973
Camilo à Beira do Lima (Conferência) — Porto, 1973
Rio Morto (Dez Contos e Uma Novela) — Peso da Régua, 1973
Noite de Fogo (Antologia de Contos) — Porto, 1973
Pó Levantado (Crónicas Dispersas) — Peso da Régua, 1974
Tempo Revolvido (Doze Contos e Uma Novela) — Peso da Régua, 1974
Nuvens Singulares (Crónicas Dispersas) — Peso da Régua, 1975
Pontos Finais (Dispersos) — Peso da Régua, 1975
Nova Freguesia (Discurso) — Peso da Régua, 1976
Lira Familiar (Poesia) — Peso da Régua, 1976
Pátria Pequena (Crónicas) — Peso da Régua, 1977
Dr. Mário de Meneses (Discurso) — Porto, 1977
Outro Mundo (Contos) — Porto, 1980
A Língua Portuguesa (Antologia — Seleção, prefácio e notas de Fernando de Araújo Lima) — Lisboa, s/d [1980]
Primeiros Passos Literários de João de Araújo Correia (Recolha de textos, prefácio e notas de Agostinho Campos Ferreira) — Santo Tirso, 1985
Linguagem da Minha Terra (*Analogias com o Castelhanu e o Galego*) — Porto, 1986

[Há contos de João de Araújo Correia traduzidos em alemão por F. Burckhardt, Ilse Losa e Erico Farny, em jugoslavo e em russo.]

2. Prefácios e colaboração em obras colectivas

A Baroa, Abel Ribeiro — Lamego
In Memoriam de José Régio — Porto, 1970
Camilo e os Médicos, Maximiano Lemos — Porto, 1974
Elísio de Moura — Vida e Obra — Coimbra, 1978 (Do texto de J.A.C. — “Uma Eternidade” — fez-se separata)
Pascoaes — Lisboa, 1980.
Cartilha do Meu Menino, Manuel Cardona — 1983

3. Colaboração em jornais e revistas

O Arrais (Semanário Independente do Alto Douro, com redacção na Régua; além das crónicas assinadas com o seu nome, João de Araújo Correia mantém a secção “Dispensário Linguístico”, com o pseudónimo de *Dr. Manuel*)

Boletim do Hospital de Lamego (onde criou a “Enfermaria do Idioma”, assinada por *Constância de Carvalho*, que era o nome de um almocreve da sua terra natal: “Simbolizou, a meus olhos, — explica João de Araújo Correia — o povo iletrado, mestre da língua antes de receber gato por lebre como verniz de ilustração. De mais a mais, *Constância de Carvalho* é nome que ultrapassa a vulgar *constância*. Constância de carvalho, constância inquebrantável e indomável, foi a constância do meu amor à língua portuguesa”)

Colóquio/Letras (Lisboa)

O Comércio do Porto

A Criança — Porto (Dir.: Leonardo Coimbra Filho)

A Defesa do Douro (Peso da Régua)

Diário Ilustrado (Lisboa)

Diário Popular (Lisboa)

O Douro (Peso da Régua)

Estudos Durienses (Dir.: João de Araújo Correia — publicou-se na Régua em 1941)

Jornal da Régua (onde escrevia, sendo estudante, uma “Carta do Porto”)
Jornal de Notícias (Porto)
Jornal de Santo Tirso
O Médico — Lisboa (Neste jornal, dirigido pelo Dr. Mário Cardia, publicou J.A.C., sob o pseudónimo de *Dr. Serrano Sobrinho*, breves escritos com o título de “Sinapismos”)
O Mundo (Lisboa)
Notícias de Ovar
Nova Renascença (Porto)
O País (Lisboa)
Panorama (Lisboa)
A Pátria — Ovar (Dir.: Nuno Simões)
A Pátria (semanário de que foi director Domingos Monteiro e se publicou em Lisboa)
Portucale (Porto)
Prometeu (Porto)
A Revista do Norte (publicou-se no Porto entre Janeiro e Dezembro de 1955)
Semanário (Lisboa)
O Trasmontano (Peso da Régua)
A Tribuna (Lisboa)
O Tripeiro (Porto)
Vida por Vida (neste boletim, publicado na Régua, saíram entre 1956 e 1974, os textos depois coligidos em *Pátria Pequena*)
A Voz da Figueira (Figueira da Foz)

II — ESTUDOS SOBRE JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

Álvaro Cardoso Gomes, verbete in *Literatura Portuguesa Moderna* (dir. de Massaud Moisés), São Paulo, 1973
Amorim de Carvalho, “À Margem da Obra de João de Araújo Correia” (in *Lusíada*, Porto, Outubro de 1960)
Cruz Malpique, *Perfil Literário de João de Araújo Correia* — Peso da Régua, 1964
Guedes de Amorim, prefácio à antologia *Os Melhores Contos de João de Araújo Correia* — Lisboa, 1960
João Pedro de Andrade, Discurso lido na Casa da Imprensa, na sessão de homenagem a João de Araújo Correia, na noite

de 26 de Junho de 1960 e publicado em apêndice à 2.ª ed.
de *Contos Bárbaros*, Peso da Régua, 1968
Mário Dias Ramos, *João de Araújo Correia “Mestre de todos nós”* —
Lisboa, 1985
Vergílio Correia, prefácio a *Sem Método* — Peso da Régua, 1938